

Ferreira de Castro

Ecos da Semana

A Arte, a Vida e a Sociedade

Uma coluna do Suplemento
Literário Ilustrado de *A Batalha*
(1924 – 1926)

Cadernos d' *A BATALHA*

2004

A BATALHA

Este jornal surgiu em 23-2-1919, no mesmo ano em que a Confederação Geral do Trabalho (CGT) de que seria porta-voz. A CGT, única confederação sindical existente, agrupava os trabalhadores mais combativos e conscientes da altura, sendo influenciada pelas correntes anarquista, anarco-sindicalista e sindicalista revolucionária. Isto determinou a sua independência face aos partidos e ao poder político e fê-la procurar que as reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de vida os não deixasse esquecer que só uma profunda transformação económica, social e ética permitiria eliminar a sua opressão e exploração. Negou sempre, com notável antevisão, que a libertação dos trabalhadores se pudesse alcançar através duma pretensa "ditadura do proletariado" ou do "Estado-patrão".

Hoje, não ligada a qualquer dos movimentos sindicais existentes, de cujos princípios e prática geralmente discorda (embora tenha o maior respeito pelos trabalhadores que os constituem), *A Batalha* continua a pugnar por uma sociedade assente em formas comunitárias de vida, de essência autogestionária e cooperativa, com total respeito pela liberdade de pensamento e pela autonomia individual, em conformidade com os princípios socialistas libertários por que se norteia.

Torne-se assinante, escrevendo para:

A BATALHA

Apartado 50085

1702 - 001 LISBOA

ou para a Sede:

Azinhaga da Alagueza, Lote X, c/v, Esq.

1800 - 005 LISBOA

A Sede encontra-se aberta aos sábados entre as 15 e as 18 horas.

X 3,5€

Ferreira de Castro

Ecos da Semana

A Arte, a Vida e a Sociedade

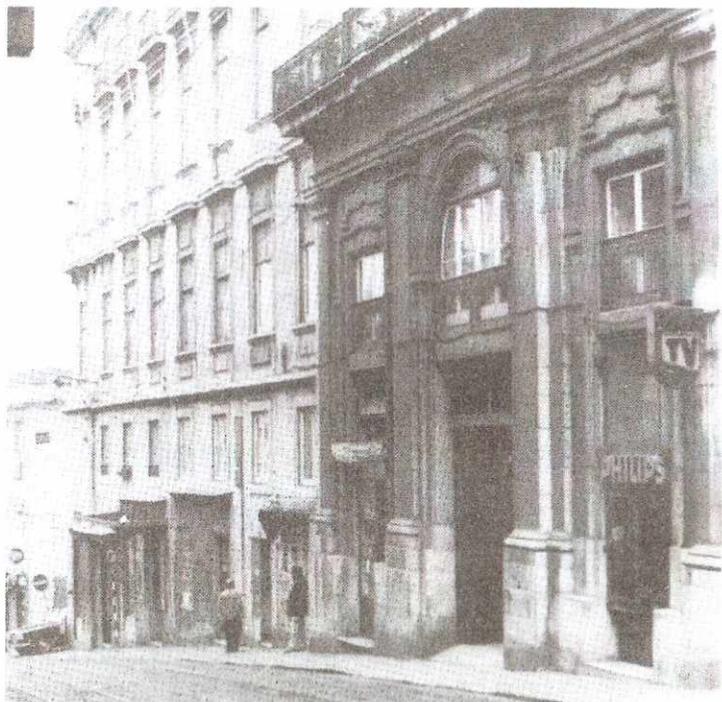
Uma coluna no Suplemento
Literário Ilustrado de A Batalha
(1924-1926)

Introdução e notas
L. Garcia e Silva

Cadernos d'A BATALHA
2004



Ferreira de Castro por Roberto Nobre



Sede de *A Batalha* e da Confederação Geral do Trabalho
Palácio de Castro Marim e Olhão, Calçada do Combro, n.º 38

Introdução

Já alguém disse que conhecer uma pessoa é não estranhar o seu comportamento, as suas reacções em circunstâncias diversas. No que respeita a um escritor nada melhor, talvez, para revelar o seu pensamento e o seu modo de sentir, do que a apreciação que faz de factos da vida quotidiana ao longo de meses ou anos. Foi por isso que elegemos, dentre a sua variada colaboração no Suplemento Semanal de *A Batalha* a coluna intitulada «Ecos da Semana, a Arte, a Vida e a Sociedade» que lhe esteve cometida entre 15 de Dezembro de 1924 (n.º55) e 4 de Janeiro de 1926 (n.º110). Esta coluna, a mais longa e numerosa de quantas lhe foram atribuídas, saiu em 38 números daquele periódico, comentando factos tanto nacionais como estrangeiros da mais variada índole. Mas a colaboração no Suplemento iniciara-se mais cedo, logo no seu 2.º número (10/12/1923), e prolongou-se até ao n.º157 (29/11/1926), compreendendo artigos isolados e várias colunas de duração variável, com um total de 131 trabalhos.

O jornal *A Batalha* surgiu em Lisboa a 23 de Fevereiro de 1919 como o diário da União Operária Nacional. Em 13 de Setembro desse mesmo ano, o II Congresso Operário Nacional (Coimbra) converteu a União Operária Nacional em Confederação Geral do Trabalho, mantendo-se *A Batalha* como órgão desta última. É neste mesmo ano que, a 9 de Setembro, quatro dias antes do Congresso constitutivo da C.G.T., Ferreira de Castro regressou do exílio brasileiro.

Embora tivesse escrito por vezes no quotidiano, a sua colaboração diz sobretudo respeito ao Suplemento Literário Se-

manal, que saía às segundas-feiras para permitir o repouso dominical do pessoal da redacção e da tipografia e, simultaneamente, visava alargar os horizontes culturais da classe trabalhadora.

Ferreira de Castro iniciou a colaboração certamente a convite do então redactor-principal (director) do jornal, Carlos José de Sousa, que para o cargo fora nomeado pelo Conselho Confederal da C.G.T. em Novembro de 1922 e a quem se deve a criação do Suplemento e a iniciativa ou, pelo menos, aprovação dos «Ecos da Semana». Mas estes prosseguiram após a renúncia de Carlos José de Sousa (6/10/1924) durante os mandatos de Manuel da Silva Campos (7/10/1924 a 15/7/1925), e de Santos Arranha (16/7/1925 a 25/8/1926).

Embora se nos afigure que os «Ecos da Semana» deveriam ter sido pensados como coluna de periodicidade regular, a realidade é que houve interrupções breves de um ou dois números, decerto por motivos variados, e um interregno de quase três meses (princípios de Junho a fins de Agosto de 1925) cujo motivo desconhecemos.

Como comentários 'a quente' sobre factos muito diversos noticiados ao longo da semana, os «Ecos da Semana» facultam-nos informação preciosa acerca das opiniões do autor sobre temas tão variados como política nacional e internacional, religião, desportos, direitos dos animais, literatura, educação, colonialismo, pena de morte, etc., etc. Não é difícil, pela sua leitura – bem como pela de outros trabalhos publicados neste Suplemento – dar conta duma grande similitude de pontos de vista com os da maioria dos colaboradores do periódico, confirmando a sua adesão aos princípios fundamentais que norteavam então a C.G.T. e *A Batalha*: o sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo.

Luís Garcia e Silva

ECOS DA SEMANA
A Arte, a Vida e a Sociedade

N.º 55, 15/12/1924

Sadoul e Wrangel¹

Sadoul vem de regressar a França, vem de transpor as fronteiras que o separavam daquele regime que ele abandonara, que ele desdenhara, para ir colocar a sua espada ao serviço dum outro regime, julgado mais belo. Para mim, que conheço a inutilidade dos exércitos, que os considero perniciosos, indignos da nossa época, o gesto do capitão Sadoul, quando há anos demandou a Rússia, mereceu a simpatia do meu espírito. A ter de se empunhar uma espada, que ela sirva para fazer triunfar algo que possua signos inéditos, algo que constitua uma nova aspiração; embora esta venha a fenecer em breve, como sucedeu na Rússia. O que vai agora acontecer ao capitão Sadoul ignora-o o mundo civilizado, mas perante esse mundo atento a França não terá coragem de cumprir a iníqua sentença que paira sobre a cabeça do militar rebelde. Sadoul entrou já na prisão de Orleans. E no mesmo número de «L'Éclair» onde se noticia o facto, vem uma carta desse ridículo pastor de soldados mercenários, que é Wrangel.

Baron Pierre de Wrangel... O funambulesco general, digno de opereta, se não levasse a cingir-lhe a cabeça bronca um diadema sinistro, um diadema de sangue mártir, de sangue da Liberdade, protesta contra a entrega à Rússia de determinados vasos de guerra, que à Rússia pertenciam... Esse palhaço disfarçado de Marte, não deixa extinguir seu ódio ao novo regime russo, não pelo regime em si, mas porque supõe ver nele a encarnação da Liberdade. Todavia, Wrangel, é desprezado até por aqueles de quem foi laçao. A sua mão, neste momento, tem menos pessoas que a apertem do que a mão de Sadoul.

Evadidos!

De Monsanto evadiram-se mais dois indivíduos. Ânsia sublime de liberdade, que despedaça o ferro, que afronta as balas, que ludibria a própria morte! Não sei quem são os indivíduos foragidos, nem me importa saber. Sei apenas que as notícias das evasões, são das poucas que leio com interesse nos jornais. Tenho sempre um vivo, um fremente prazer, quando constato que alguém se evadiu. A lenda da ressurreição de Cristo não tem para mim outro aspecto belo, além desse ludíbrio que o Nazareno faz aos centuriões que lhe rodeiam o túmulo...

Um pintor modesto

Em Paris há um pintor de talento, admirado e consagrado já no "Salon" de outono, que continua a exercer a profissão que tinha antes de ser célebre. Essa profissão é - vender frutos, na rua.

Ninguém o demoveu ainda a colocar-se na sociedade, à altura do seu nome...

Este pintor, em sua modéstia, ultrapassa muitos outros que povoam as academias e que, pela sua orfandade de talento, nem dignos de vender frutos são.

O "box" e o amor²

Outrora, dois homens que amavam a mesma mulher, batiam-se à pistola, ao florete, à espada. Hoje batem-se ao "box"...

Em Londres, uma deliciosa "miss", que teve a felicidade de ser adorada por dois homens ao mesmo tempo, resolveu a semana passada que eles se batessem com luvas de onze gramas... O vencedor seria o seu noivo.

Aceite o desafio e enquanto o vencido era levado do "ring", o vencedor, banhado em sangue, trágico, equimosado, corria a beijar os lábios que a Dulcineia, bela e impudica, lhe apresentava.

Esta cena de película não me surpreendeu. É que eu conheço a genealogia do "box"...

O "box" é a vingança de certos homens contra a natureza, por esta não lhes ter dado os elementos necessários ao coice...

Daí os indivíduos que admiravam outrora a equitação, admirarem hoje os "boxeurs"...

1 - O barão de Wrangel foi o general que sucedeu a Denikin no comando do exército branco na Ucrânia, em 1920. Neste país existiam ainda as forças nacionalistas de Simão Petlioura, as forças do exército vermelho (bolchevique) e as forças dos camponeses insurrectos (anarquistas) comandadas por Nestor Macno. Temporariamente aliadas no combate às forças de direita, após a derrota destas últimas as forças bolcheviques atacaram de surpresa os aliados anarquistas da véspera que lograram destroçar. Ferreira de Castro aludirá novamente a estes eventos na sua notícia sobre o livro de Archinoff - «História do Movimento Macnovista» (ver Ecos da Semana, n.º 99 do Suplemento)

2 - A mesma crítica acerba do "box" reaparecerá em «A morte do "boxeur"» (Ecos da Semana, n.º 110 do Suplemento).

Anatole e Camilo¹

Oito dias depois de ter morrido o autor de «Le lys rouge» surgia nas montras dos livreiros parisienses, um livro intitulado - «Anatole France en pantoufles».

Era esse costumado livro sobre pormenores íntimos, que aguarda todos os escritores célebres. Livro que sob o disfarce da homenagem póstuma, visa apenas uma exploração editorial.

Qual o grande escritor que depois de morto não foi vítima desses falsos admiradores da sua obra e da sua vida? Aqui mesmo, em Portugal, o processo é bastante usado. O que se tem feito com Camilo! O cadáver deste homem tem dado para alimentar legiões inteiras de mediócrs, que nunca teriam nome, nem editor, nem leitores, se não se acolhessem à sombra trágica do romancista.

E à força de explorarem a tragédia da sua vida, transformaram essa tragédia em opereta e deram à dor de Camilo aspectos bufos, e vestiram a sua angústia com trajes de arlequim.

Quereis coisa mais ridícula que isso do «Desgraçado solitário de Seide», do «Torturado de Seide», da «Acácia de Jorge», dos «Amores de Camilo»?

E não contentes com isso, herdeiros, editores, leitores e admiradores, uns com cumplicidade directa, outros com cumplicidade moral, processaram o espectro do romancista, e têm feito sentar a sua memória no banco dos réus, em diversos tribunais!

Com Anatole já se esboçou um movimento idêntico.

Mas como ele não teve na sua vida um drama como o de Camilo e antes a teve tranquila e plácida como a sua obra, em vez de o exalçarem mercenariamente, os vampiros dos cadáveres dos homens célebres começaram a detractá-lo.

E ainda o corpo de Anatole não tinha abandonado a Vila Saïd e já em Paris se publicavam manifestos contra ele.

«Anatole France en pantoufles» é também uma obra detrac-tora, embora finja ser uma obra de homenagem.

Jean-Jacques Brousson, o seu autor, foi secretário de Ana-tole.

Este, segundo diz Brousson, ao vê-lo tomar notas, dizia-lhe: – Não publiques isso enquanto eu for vivo, porque seria uma indiscrição; mas fá-lo logo que eu morrer, porque assim darás ao mundo elementos de erudição.

E oito dias depois de Anatole morrer o livro aparecia.

Censurado o procedimento de Brousson, este declarou que Anatole se tinha mostrado egoísta para com ele, a ponto de o abandonar em Buenos Aires, quando o acompanhava, como se-cretário, à América do Sul.

Em todo o grande artista há geralmente um homem peque-no, mesquinho, e Anatole não fugiu à regra. Mas isso não justi-fica que se pague uma baixeza com outra baixeza. Especial-mente quando o atingido não se pode erguer do túmulo e vir, implacável, sinistro, vingar a afronta recebida.

A caridade cristã²

A caridade cristã – disseram-mo ontem – está em decadên-cia, entra oficialmente em crepúsculo. Os mendigos «lutam com mais dificuldades» e os templos já não vêem gotejar, como ou-trora, as esmolas, nessas caixinhas que todós eles ostentam perante a impuridade dos crentes.

Eu nunca acreditei nessa caridade cristã nem em qualquer outra caridade: – quando um individuo dá uma esmola não o faz pela pessoa que a recebe, mas sim por si, pelo seu egoísmo, pela sua crença ou pela sua devoção sobre o dever burguês.

É bom, pois, que a caridade cristã se extinga oficialmente. E digo oficialmente porque secretamente ela nunca existiu, senão

em casos esporádicos, que representam outras tantas afrontas para as pessoas beneficiadas.

A caridade foi sempre um mito, foi sempre um eufemismo. Onde esteve a caridade nestes 20 séculos em que, sob a égide de Cristo, a espoliação e a perseguição têm caído, como garras famintas, sobre o homem indefeso, sobre aquele que não tem a resguardá-lo a muralha dum cofre?

Onde esteve a caridade cristã nestes 20 séculos em que toda a ideia de solidariedade humana foi rechaçada com uma violência só igualada por aquela que caiu outrora sobre os próprios cristãos?

Que lhe passem a certidão de óbito...Porque morta desde há muito ela está.

1 - Camilo reaparecerá nesta mesma coluna, a propósito das comemorações do centenário do seu nascimento, no n.º 68 do Suplemento.

2 - A crítica à religião católica e às religiões em geral poderão ser encontradas no n.º 46 do Suplemento («Sobre Ferrer»), no n.º 76 (Ecos da Semana - «Os exploradores da fé»), no n.º 106 (Ecos da Semana - «Uma profissão vantajosa») e incidentalmente em numerosos outros.

Lograr a Posteridade¹

Nós acreditamos na justiça da posteridade. Nós acreditamos que todo o homem pode ser justo quando tenha de se pronunciar sobre algo que já não o afronte, que já não lhe faça concorrência, sobre algo que já é sombra ou fantasmagoria sepulcral. Nós acreditamos ainda no olhar austero e inflexível do Futuro, olhar desapaixonado e pronto a indicar a verdade e a fulminar a mentira.

Mas apesar da Posteridade ser incorruptível, há gente que pensa ainda em suborná-la, em ludibriá-la, apelando para o olvido e para a compaixão que desperta no coração humano tudo aquilo que já morreu, tudo aquilo que já se fundiu na paz do túmulo.

Representa isso uma traição ao Futuro, mas como na alma do homem há ainda muito sentimento nobre, esses subornadores do juízo próstero, conseguem, por vezes, seus estranhos designios.

E neste caso está a campanha que se vem fazendo ultimamente, desde que o sr. João Franco publicou algumas cartas de D. Carlos, a favor deste rei e daquele ditador.

Essa campanha não é mais do que uma tentativa de suborno feita à Posteridade. Peçam-nos que esqueçamos as injúrias, as perseguições, os desvarios e os despotismos daqueles dois personagens trágicos, fatais, na vida portuguesa, e nós encontraremos na alma bastante valor para esquecer, para olvidar...

Mas não nos queiram convencer que o déspota tem justificação e que o monarca que chancelou e fomentou esse despotismo é digno da admiração dos vindouros. Nós não seremos cúmplices nesse logro que se quer fazer à Posteridade.

Rosas do inverno²

Rosas de inverno, rosas pálidas, tristes, rosas que são cálice para a neve, aqui, nesta aldeia remota onde me encontro.

Venho de as cercear, de as colher, com refinada volúpia, neste velho quintal onde eu agora espraio meus olhos sedentos de paisagens geórgicas.

Elas estão desmaiadas, amortecidas, são rosas mortas, sem viço e sem luxúria e todavia ao vê-las aqui, sobre a minha mesa, ao contemplá-las, ao aspirá-las, eu tenho a sensação de que aspiro rosas líricas, rosas de sonho, inebriantes rosas de primavera.

E parecem-me ainda mais tristes essas rosas que se ostentam no Chiado e que são rosas mercenárias, rosas que se vendem, rosas que dão lucro – rosas que não dão a quem as compra o prazer de as colher...

Minhas rosas de inverno, minhas rosas de utopia, como eu ao ver-vos sinto que o homem se perdeu de si próprio ao afastar-se das galas da natureza!

1 – D. Carlos I reinou de 1889 a 1908. De 1906 a 1908 sucederam-se dois governos presididos por João Franco, que instituiu com apoio do monarca um regime ditatorial, fortemente repressivo. No dia 31 de Janeiro de 1908 o rei assinou, em Vila Viçosa, um decreto que autorizava o governo a expulsar do país ou a deportar para as colónias os opositores mais activos ou notórios. Ao regressar a família real a Lisboa, no dia imediato, foram alvejados a tiro o rei e os dois príncipes, D. Luís Filipe e D. Manuel. Este último ficou ferido, morrendo os dois primeiros. Os autores do atentado, Alfredo da Costa e Manuel Buiça, foram mortos à sabrada no local do atentado (Terreiro do Paço).

2 – As rosas reaparecerão nesta mesma coluna no n.º 102 do Suplemento.

O direito de matar¹

Guido da Verona, em seu livro «La vita comincia domani» coloca no cérebro dum médico ilustre este estranho problema: – há o direito de matar um ser tornado inútil na vida por grandes e incuráveis sofrimentos, um ser para quem a vida já não guarda senão torturas e que constitui, todavia, um empecilho, um obstáculo, à felicidade dos outros?

O personagem de Guido da Verona, depois de meditar largamente, resolve matar o seu melhor amigo, quando este, superior, fora das paixões comuns, amarfanhando seu próprio coração lhe diz: – Tu amas minha mulher e ela tem direito a uma felicidade que eu já não lhe posso dar. Sê, pois, feliz com ela. Mas antes disso eu devo desaparecer, porque sou aqui um obstáculo entre os dois...

E como o médico vacila ainda, o seu amigo enfermo acrescenta, suplica: – Não tenhas escrúpulos! Eu não me sacrifico por ti, nem por ela... Que espero eu da vida? A morte é a única felicidade a que tenho direito de aspirar...

E o médico, então, não mais hesita.

... Pois em Paris vem de suceder um caso idêntico.

Há meses o escritor polaco Jean Zyznovski, recolheu ao hospital Paul Brousse, na capital francesa. Tinha um cancro na garganta.

Mas, para entrar no hospital, Zyznovski tinha posto uma condição: – que M.lle Stanislava Uminska, de 23 anos e artista do Teatro Nacional de Varsóvia, fosse admitida ali como sua enfermeira.

E o desejo do escritor foi atendido. Mas a 15 de Julho último, Zyznovski, considerando desesperado o seu estado, chamou a sua doce amiga e fez-lhe um estranho pedido: – queria que ela o assassinasse...

M.lle Uminska hesitou, mas ele insistiu, argumentou com a inutilidade da sua vida de enfermo incurável – fez perpassar perante os olhos da artista o lúgubre cortejo das dores que o torturavam.

A morte, para ele, seria a redenção suprema, o alívio definitivo – o olvido, o esquecimento perpétuo de todos os seus sofrimentos. Ele, felizmente, não acreditava em Deus. Ele era o juiz da sua própria vida e resolvera, por isso, condená-la à morte, estrangulá-la, desde que a julgara inútil...

M.lle Stanislava Uminska, baixou a cabeça, resignadamente e beijou depois o seu amigo – despediu-se para sempre de Jean Zyznovski...

Logo, num belo gesto de coragem, ela recebe das mãos do escritor um revólver que este mesmo carregou e desfecha-lhe um tiro.

Jean Zyznovsky deixa de existir. A sua dor apagou-se – morreu na tristeza de homem inútil. M.lle Uminska vingara o seu amante dos sofrimentos que lhe infligira a vida.

Nem uma lágrima ela teve. Só o seu coração sangrava – sangrava, como a fonte lacerada do assassinado. Conduzida à polícia, a artista, jovem, apaixonada, declarou – Matei-o porque o amava; matei-o porque ele assim mo pediu! Assassinei-o por amor e para que ele não mais sofresse!

O julgamento de M.lle Stanislava Uminska foi marcado para Fevereiro próximo.

Eu, se fosse jurado, absolvê-la-ia sem nenhuma restrição.

Literatura judaica²

A literatura judaica tem mais um livro – um livro sentimental, romântico, um belo livro de reabilitação da raça proscrita.

Intitula-se «Las luminárias de Hanukah» e escreveu-o R. Cansinos Assens, escritor de opulentíssima prosa, burilador de sumptuosíssimas imagens.

Sob a pena sortilêga de Cansinos Assens a raça judaica, o povo deicida, despe os negros mantos de Shylock e entra na senda dum interminável martírio.

É um livro onde palpita um grande anseio de justiça e está para os judeus, como o meu «Sangue negro» está para os pretos.

«Las luminárias de Hanukah» surgiram num momento oportuno – num momento em que se atribuem as mais belas reivindicações sociais, a meros manejos da finança judaica.

Não falta mesmo quem acuse algumas interessantes revelações artísticas contemporâneas, como as Paul Morand, Max Jacob, Appolinaire, etc., de simples revelações do espírito judaico – «que é necessário exterminar»...

Esquecem estes últimos servos de Cristo que é de entre os judeus que têm surgido os principais argonautas da Ciência e alguns dos nomes mais prestigiosos da Arte.

Que uma parte do povo judaico ama o Ouro sobre todas as coisas e que isso é digno de combate, também eu concordo. Mas qual é a raça que não tem os adoradores do Ouro? Não. O que temos de combater é o Ouro – o Ouro como força social, o Ouro como poder, o Ouro como elemento de corrupção.

Exterminado o poderio do Ouro, deixemos que os judeus o idolatrem livremente. O espírito prático da raça em breve compreenderá a inutilidade de idolatrar uma abstracção...

1 – Ferreira de Castro não esteve isolado nesta defesa da eutanásia. A ré foi absolvida e o tema retomado, com idêntica perspectiva, por Jaime Brasil: "Do direito-de-matar. Um julgamento do tribunal do Sena, que o define insofismavelmente", no n.º 64 do Suplemento.

2 – Afirmação nítida de anti-racismo, distinguindo raça de culto da riqueza, que não é apanágio de uma raça.

O «príncipe dos escritores»

Anatole France gozava, em vida, do título de «príncipe dos escritores franceses contemporâneos».

Sua obra, seu génio, davam-lhe direito a esse título – e os próprios inimigos de Anatole reconheciam que ninguém como este, na França do primeiro quartel do século XX, merecia aquela regalia honorífica. É possível que existissem, e eu estou convencido que existiam, génios mais poderosos do que o de Anatole – mas o certo é que não tinham sido revelados, não tinham sido consagrados e a justiça literária é neste ponto duma flagrante injustiça...

Morto, porém, Anatole, quiseram eleger um herdeiro ao seu título de «príncipe dos escritores» – e os «Maîtres de la Plume» abriram um inquérito... Quem devia ser o substituto do glorioso autor da «Thais»?

E aqui surge o inesperado, o estranho, o absurdo.

Os reaccionários, os católicos, os inimigos da liberdade, os traidores da nossa época, resolveram fazer desta questão literária uma questão política. Resolveram, mais, que Anatole, espírito moderno, avançado, fosse substituído por um espírito antigo, retrógrado, coberto já por todo o pó que se desprende dos sepulcros de antanho.

E elegeram para «príncipe dos escritores franceses» a – Charles Maurras!

Eu reconheço, fora de todas as divergências de ideias, que o famigerado reaccionário de «L'Action Française» é um espírito culto e um crítico, por vezes, muito penetrante. Mas daí a considerá-lo como o príncipe das letras francesas... Não. Isso é querer afrontar o próprio ridículo. É afrontar a memória de Anatole, que usou aquele título – é afrontar os escritores que futuramente o virão a usar, merecidamente.

Eu não aplaudia, mas compreendia, o triunfo de Bourget. Eu achava natural, a indicação de Farrere, de Jaloux, de Bernstein, se quisessem olhar para os homens de teatro, como parece que se pensou, dando 17 votos a Courteline. Eu compreendia até que surgisse o nome de Rosmy Aimé ou que, por espírito moderno, triunfassem Paulo Morand, que Maeterlinck diz ser o primeiro escritor da França contemporânea, ou Jean Giraudoux ou a própria Colette.

Tudo isto se compreenderia – com maior ou menor justiça, com maior ou menor paixão.

O que não se compreende é o triunfo de Maurras, se não se souber que isso não é um triunfo literário e sim um triunfo político.

Sobre ele votaram todos os lacaios da igreja, todos os apóstolos da reacção – e todos os redactores de «L'Action Française» que para isso tinham categoria... E votou também esse fabricante de livros, esse industrial de contrafacções literárias, que é Henri Bordeaux – escravo do catolicismo e servo dos lugares comuns. A Academia Francesa, à qual Bordeaux pertence, foi mais uma vez amarrada à cauda do ridículo.

Eu não nego o valor de Maurras – mas Maurras feito príncipe das letras francesas faz-me sorrir, faz-me sorrir... E faz também indignar aqueles escritores franceses que têm mais valor do que ele mas que não têm uma sinagoga política.

Os sacrifícios transcendentés¹

Na América, um dia destes, um telegrafista anónimo preferiu ser devorado pelo fogo a abandonar o seu lugar, do qual dependia a salvação de quase toda uma cidade.

As chamas, satânicas, impiedosas, como áspides de víboras, iam beijando-lhe o corpo, roçando-lhe a epiderme, queimando, abrindo chagas – e ele, estoicamente, heroicamente, continuava junto ao aparelho a pedir socorro para as cidades mais próxi-

mas, socorro para os seus semelhantes e não para ele, que já estava irremediavelmente e voluntariamente perdido.

Morreu – salvando os outros. Os homens que a Igreja canonicou, os santos de outrora, tiveram uma vida de menos abnegação. E os heróis, aqueles que foram glorificados por culto à chacina, ao assassinato oficial, devem enrubescer em seus túmulos – envergonhados da sua mesquinhez ante a grandeza deste herói anônimo.

O caso não é único. No último terramoto do Japão, surgiu também uma estranha figura de telegrafista que não abandonou o seu aparelho, que se deixou soterrar, destroçar, pedindo sempre socorro para os seus irmãos estarecidos sob o alfange da morte.

Todavia o nome destes homens não figurará na História nem será revelado às crianças, amanhã, nas escolas...

Com o heroísmo do telegrafista americano, coincide o sacrifício desses sábios franceses que se deixaram matar, em proveito da Humanidade. Isto constitui um terrível e mudo libelo contra aqueles que matam a humanidade em proveito próprio.

Isto constitui um libelo, um libelo que nos revela o destino da humanidade, não como no-lo apresentam os seus algozes, mas sim estes homens que se sacrificam, comovedoramente, inexoravelmente, em homenagem aos seus semelhantes.

1 – Denúncia do culto da violência implícito no heroísmo militar, contrastado com a abnegação dos que se sacrificam por razões humanitárias.

Morto pelo frio

Vejo num jornal da noite que numa das furnas do Parque Eduardo VII, foi encontrado um homem morto. Vestia pobremente – isto é – não vestia, envergava alguns desolados andrajos. Na hora em que escrevo não se soube ainda a sua identidade. Nem a polícia tem pressa em o saber. Este homem não roubou um pão, este homem não defendeu a vida. Morreu de fome e de frio. Sim, eu não o tinha dito: – o homem encontrado no Parque Eduardo VII, morreu de fome e de frio. E um homem assim, é para a polícia menos que um miserável – é algo que não existe... Para quê urgência, pois, na descoberta da sua identidade?

Revoltas, se ele as teve, ninguém as conheceu. E se algum drama levou na alma – na alma floresceu e feneceu entre a indiferença colectiva. E um dia que a asa negra da Tragédia o roçou com mais vigor, ele foi acolher-se ali, à furna, como uma fera baleada se recolhe ao covil. A furna era tecto e sepulcro. À noite as térreas paredes suavam; gotejavam lágrimas frias, lágrimas geladas e assassinas.

E uma noite essas lágrimas atingiram-no. E foram-lhe fatais. Quando sobre estas linhas rodarem teus olhos, leitor, esse homem que neste momento não tem ainda identidade, estará já apodrecendo em qualquer coval anónimo, entre o festim dos vermes e sob a égide duma placa de ferro com um número, que é a única homenagem que a vida lhe prestará, depois da morte...

Contudo, no mesmo número do jornal em que se noticia o encontro deste cadáver sem nome, noticia-se também que o Dr. António da Fonseca regressou a Paris, tendo uma muito concorrida despedida; que regressou a Lisboa a senhora baronesa de Almeida; que o sr. José Maria Henriques vai casar com a sr.^a

D. Maria Batalha Sequeira, que o ilustre industrial Costa Pacheco ofereceu ontem um lauto banquete às pessoas das suas relações; que decorreu com muito entusiasmo o “match” entre a selecção de Lisboa e a do Porto; que até agora o director geral do Comércio e Indústria não solicitou qualquer inquérito aos seus actos, e que os festejos de Vasco da Gama – sombra de pirata, memória de espoliador – têm decorrido com muito esplendor...

A vida...

A trilogia sinistra¹

Dizer agora, quando as tubas do patriotismo insuflam nos ouvidos incautos o nome secular de Vasco da Gama, que este foi um pirata, é ofender o brio de certos homens que não encontrando entre as legiões do conservantismo, heróis do presente, se entregam a afagar a sombra dos heróis do passado.

Dizer que Vasco da Gama foi um arrojado pirata, é ofender os patriotas, mas é restabelecer a verdade. E a ter de escolher entre os patriotas que formam uma casta transitória de obcecados, e a verdade, que é eterna, nós optamos pela última.

Vasco da Gama foi um pirata – um dos muitos piratas de que está cheia a história dos portugueses, dos espanhóis, dos holandeses. Ele descobriu o caminho marítimo para a Índia não por amor à humanidade, não pela ansiedade do incógnito, do mistério fabuloso.

Ao contrário...

Seu heroísmo, como o da maioria dos navegadores de antanho, provinha duma ideia baixa – a ambição, a rapacidade.

Ah! Se podessem falar os espectros dos samorins que os descobridores portugueses espoliaram e massacraram!

A flâmula de suas caravelas não representava um ideal belo, mas sim três elementos de servidão e de espoliação: – Deus Pátria e Rei.

E é essa trilogia sinistra que vem de ser consagrada, perpetuada. Mas é preciso dizer-se que é a essa trilogia que a Humanidade deve a sua milenária escravidão.

“Salon” de outono

Na S.N.B.A. expõem agora os legionários da arte moderna em Portugal. Há quadros de valor. Há artistas de real talento.

A Beleza é eterna, tanto está no Passado como no Futuro – mas dar a Beleza com novas modalidades, mudar-lhe os trajas pretéritos, é o papel de todo o artista que compreende o profundo sentido da nossa época – desta época que se assinala por uma grande ansiedade de ineditismo.

E ansiar o ineditismo, «o que não está feito em Arte» é estar de costas volvidas ao Passado e de frente, bem de frente, ao Futuro.

É isso que foi conseguido, na proporção do ambiente artístico em que vivemos, por alguns dos actuais expositores da S.N.B.A.

1 – O anti-patrioteirismo de Ferreira de Castro manifestar-se-á não só neste n.º como, repetidamente, noutros «Ecos da Semana»: n.ºs 67, 73, 79, 102 e 104.

O encanto do mar

Na França, uma mulher nova atirou-se ao mar – suicidando-se por não poder cruzar os oceanos, glaucos e convulsos, que ela idealizara para cenário de seus sonhos de aventura.

Quis entregar assim, em rara oferenda, seu corpo formoso às sortílegas ondas que ela não conseguira pisar, desde o convés dum vapor moderno.

As ondas embalá-la-iam na morte, lentamente, suavemente – e sorveriam toda a beleza do corpo que em vida, para elas, dir-se-ia invulnerável.

Eu compreendo o estranho gesto dessa mulher que se suicidou por nostalgia do mar que ela nunca cruzou – por nostalgia das viagens que ela nunca fizera.

Estamos tão agrilhoados à terra, que o mar surge como o próprio caminho da libertação – e essas esteiras que os barcos deixam à popa parecem-nos sendas, macias e aveludadas, abertas no dorso das ondas para que sobre elas deslize todo o cortejo das nossas quimeras.

Estamos agrilhoados à terra e, como nossas mãos não encontram na praia as auríferas areias que ampliaram as riquezas de Cresus, essas areias que permitiriam viajar, numa época em que tudo depende do ouro e este da espoliação humana, o mar aparece-nos com uma mais densa atracção – e o cântico das suas ondas tem algo desses cânticos fatais da Lenda, que outrora arrastavam os marinheiros incautos para a morte, para o encantamento.

E o mar, para aqueles que não têm suas mãos azinhavradas por todos os dinheiros, ou torna-se estrada de exílio ou elemento intransponível – e ante suas intermináveis perspectivas caíem, mortos, os nossos sonhos de peregrino, os nossos sonhos errantes.

Ouvimos-lhe o chamamento milenário, sabemos que ele nos espera para nos revelar novos continentes, países de utopia, mas a terra prende-nos, amarra-nos – e vemos então evolarem-se as nossas últimas aspirações – evolarem-se como esse fumo que se desprende dos vapores que se distanciam.

Mas dias depois, como bandos de mariposas, volvem nossos anseios de cruzar o mar – porque afinal todo o encantamento deste reside na sedução das longas viagens, nesta ânsia de vagamundo que existe na maioria dos homens..

Sem a atracção das viagens, o mar, ponte larga e movediça que liga uns aos outros os mais longínquos rincões, era qualquer coisa de imutável e de fastidioso, que não merecia a oferta dum corpo belo de mulher.

Mas assim até a sua eterna canção de velho louco encarcerado parece adquirir sempre ritmos novos – na profunda muidez das almas em expectativa.

Ah! poder vogar de continente a continente, sorvendo aqui os lábios duma mulher, desfolhando acolá a rosa duma ilusão, mas sempre livre, sempre livre!

A imperatriz Zita¹

De novo para esta mulher se tornam tempestuosos os próprios céus da proscricção, de novo, na terra do exílio, se rasgam para ela longos e espinhosos caminhos.

E todavia essa imperatriz sem trono persiste em sua ambição – persiste sempre, sempre, com uma coragem que assombra, com uma perseverança que confrange.

A Europa nega-lhe o direito à restauração, a Áustria repele-lhe o domínio – mas ela não se desilude e lá continua a perseguir o fantasma do seu sonho, a trágica quimera do seu poder.

Chega a comover esse esforço dispendido para a utópica conquista.

Pois não é uma luta estéril, que desperta sorrisos de piedade e de ironia, essa luta duma mulher que tenta arrancar ao Passado – tão perto ainda sob a cronologia, mas tão distante já sob o influxo das ideias – uma coroa despedaçada, num momento em que sobre os próprios barretes frígios se ergue, certa, uma acha aniquiladora?...

1 - Zita von Bourbon-Parma era viuva do imperador Carlos I da Áustria e IV da Hungria, deposto (1919) pelo parlamento austríaco após a derrota da Áustria na I Grande Guerra e exilado para a Suíça. Após duas tentativas infrutíferas para reocupar o trono da Hungria, foi exilado para a Madeira, onde faleceu em 1922. A viuva sobreviveu-lhe vindo a falecer na Suíça em 1989, aos 96 anos.

Agitação¹

Pairam, adejam sobre a cidade, legiões de ameaças, terrores incógnitos – gorda carniça para os noticiaristas e belos elementos para os argumentistas da política portuguesa.

Tem-se a sensação de que os poderosos, depois de cerrarem bem os cofres, resolvem desmentir seu histórico comodismo, tão irmão da covardia – e vêm para a rua, de lança em punho e com o ventre a estourar a couraça, para trespassar esse velho inimigo, sempre famélico e perseguido, mas sempre robusto e entusiasta, que é o povo.

E, então, ante os horizontes negros, onde querem obrigar-nos a ver um sol de pólvora, inflamável e explosivo, Juvenal faz uma careta e deixa que de sua boca se evada uma forte gargalhada.

Esta de nos apresentarem o povo como algoz e os homens da finança como vítimas ultrapassa as fronteiras da mágica e nunca foi concebida sequer pelo génio da Farsa.

O Carnaval²

E entramos assim no carnaval. Não será uma parada carnavalesca essa parada de forças que nunca se realizará eficientemente – mas na organização da qual tanto trabalho dispendem as «forças vivas»?

O movimento dessas forças coincide com o aparecimento nas tabacarias e nas capelistas de impressos obscenos, em homenagem ao carnaval.

Não em nome de falsos pudores, mas sim em nome da estética da vida, nós entendemos que esses papeis obscenos deviam sofrer um definitivo auto de fê. Não em nome duma cruel-

dade que não se explica, mas sim em nome duma equidade que é urgente estabelecer, nós entendemos também que as tais forças vivas – oh! trágico eufemismo! pois forças de morte elas são – deviam deixar passar o carnaval, a páscoa, o ano inteiro, e quedarem-se a triturar, até à justiça definitiva, os últimos restos do ouro que elas souberam fundir com o suor humano...

Isto porque em matéria de obscenidades elas ultrapassam os papeluchos que Momo, com a complacência duma população por educar, ressuscita todos os anos. Não só é obsceno aquilo que os preconceitos sociais envolveram em seu manto – a obscenidade, irmã-gêmea do cinismo, reside nos actos mais prosaicos daqueles que defendem a própria moral burguesa.

1 – O anticapitalismo de Ferreira de Castro evidenciar-se-á repetidamente nos «Ecos da Semana» e noutros artigos seus (v.g. n.º 137 do Suplemento – «Enquanto os opulentos senhores se divertem...»).

2 – O carnaval, espectáculos degradante, será novamente por si criticado no n.º 65 do Suplemento. Será igualmente objecto de críticas de outros colaboradores do Suplemento, como Adolfo Lima («Carnaval, touradas e desporto», n.º 17) ou João Pedro Andrade («Farsa trágica», n.º 66).

O trágico cortejo

Querem os mutilados, aqueles a quem a guerra inutilizou para o trabalho, deslizar em silêncio através da cidade, a caminho dos Prazeres, onde irão depositar um seu camarada que procurou na morte o bálsamo que para seus sofrimentos e miséria a vida lhe negava. A vida representada por todos esses tubarões que engordaram nos mares de sangue da guerra - mares que eles próprios criaram ao longo da terra-mártir da Europa.

O cortejo dos mutilados, funambulesco, trágico, deslizará por Lisboa, passará, mudo, sob as janelas daqueles que não foram à guerra, mas que com a guerra enriqueceram, convertendo em ouro, como os alquimistas de outrora, o sangue humano que fizeram derramar. Irão os homens que não têm braços e que não mais poderão sustentar, num embalar pueril e terno, as crianças que lhe povoam o lar; irão aqueles a quem deceparam uma perna, tomando-os inúteis e cerceando-lhes a alegria de viver; irão os que levam ainda o rosto povoado de fundas cicatrizes, o corpo arrepanhado, como se sobre ele se tivessem fechado, impiedosas, duas garras famintas.

Irão os mutilados, os estropiados, aqueles que já são apenas um despojo, uns restos humanos - agora desprezados por aqueles que os levaram à carnificina.

Esse estranho cortejo, para quem o souber ver, terá o aspecto dum cortejo de fantasmas, brotado de velhos sepulcros para vingar as afrontas recebidas.

Sabe-se que o lar dos mutilados é triste, desolado; sabe-se que a miséria, velha harpia desgrenhada, lhes transpõe diariamente e familiarmente a porta - e contudo ainda há-de aparecer algum cínico retórico para dizer a esses homens que «a pátria lhes está grata» e que o sacrifício deles é belo, porque foi feito em nome do direito e da justiça...

E eles, ingênuos, sugestionáveis, quiçá, mais uma vez se curvarão ao fatídico destino que encerram essas farfalhantes palavras – esquecendo que foi entre os seus próprios membros destroçados que todos os parasitas da pátria pesquisaram as pepitas de ouro com que hoje os afrontam.

Eles esquecerão que o seu sacrifício, agora pautado pela miséria, fecundou essa opulência em que vivem hoje todos os traficantes que envenenaram o povo durante a guerra, que comerciaram com o sangue dos soldados, que espoliaram as energias do país, que vestiram de luto milhares de mães e esposas e que mandaram abrir milhares de sepulturas.

Eles esquecerão, quiçá, tudo isso – e todavia é necessário que não esqueçam...

Esse cortejo trágico que vai atravessar Lisboa, é necessário que tenha em sua mudez uma grande eloquência...

Ainda o carnaval

Que antítese entre os cortejos de foliões de ontem, de hoje e de amanhã e esse outro funambulesco cortejo de que acabamos de falar. E todavia há uma certa volúpia, a singular volúpia da dor, em evocar os que sofrem, perante os que se divertem.

É que a maioria daqueles que se divertem agora, em carros alegóricos, sumptuosamente decorados, em bailes particulares, opulentos e deslumbrantes, onde os salões refulgem como certos templos orientais, conquistaram a riqueza que permite esse esplendor à sombra dos que morreram na guerra ou que na guerra se estropiaram – e inutilizaram para toda e qualquer alegria.

É bom que nestes dias destinados ao culto do grotesco se complete a história do palhaço: – risos no palco e nos bastidores lágrimas. Simplesmente os que riem no palco não são os mesmos que choram nos bastidores...

Estratégia literária¹

Fernando Divoire, jornalista, poeta e prosador belga, que, como muitos outros dos seus patrícios, triunfou em Paris, acaba de publicar um livro sob muitos pontos de vista curioso.

Intitula-se «Stratégie littéraire» e é ao mesmo tempo catecismo e manual dos escritores, jardim de interrogações filosóficas e lente de observações...

Há uma, especialmente, que me interessa: «É melhor não se estrear do que estrear-se mal.»

Na vida literária isto é quase decisivo. O escritor, quando chega à plenitude de suas faculdades e contempla sua obra anterior, sente o desejo de destruir essas pegadas vacilantes da sua juventude artística. A obra não lhe satisfaz - e cotejada com a que de momento o preocupa, ela surge mendiga de valor, ingénua, comprometedora...

E os mais arrojados têm um gesto de desdém e repudiam-na. E destruiriam de bom gosto todas as edições, se isso lhes fosse possível. E conservar-se-iam ainda inéditos para só sorverem o mel da obra considerada definitiva. Não se teriam estreado, para agora se estrearem bem - ruidosamente, gloriosamente.

Mas poucos resistiram. Poucos entraram inéditos na plenitude do seu valor. Preferiram, à certeza posterior, o indício precoce. E se é certo que Anatole surgiu depois dos trinta anos, a maioria dos grandes escritores não deixou fenecer a juventude sem atirar ao destino incognoscível da publicidade um livro de versos, de crônicas ou de contos... Não pensaram no mecanismo das estreias - atiraram ao mundo o seu sonho, apenas por ele e sem artificios, sem experiências... E assim é que me parece certo.

É na juventude que as vocações se definem com mais veemência, com mais entusiasmo. E aquele sonho que na juventude resiste a vir espereitar os páramos da realidade, não é

sonho – é ambição, é calculo. E a Arte vive do primeiro e não dos últimos.

Estrear-se bem ou estrear-se mal são apenas fórmulas de triunfo – e este nem sempre corresponde ao valor. Todo o escritor desejaria logicamente estrear-se com uma obra definitiva, mas ele não teria sequer chegado a esse desejo, se não fosse estimulado com essas palavras benevolentes que há sempre quem derrame sobre as obras ingênuas da adolescência.

Eu tenho um grande carinho por esses livros pueris que publicam os adolescentes e que quase ninguém lê. São os mais sinceros; não trazem o artifício da técnica e trazem os primeiros e indecisos voos da alma. São esses livros más estreias – mas são eles que ampliam o sonho e que permitem que nos espíritos eleitos se fecundem mais tarde as obras primas. O resto... é estratégia. Sangue frio, ausência de sonho, interesses de luta, cabotinismo – comércio.

O presidente do Chile²

Esteve novamente em Lisboa, agora não como um vencido, mas sim como um triunfador coroado no próprio exílio, o sr. Arturo Alessandri, presidente do Chile.

Este homem, joguete dos acontecimentos políticos da nossa época e para mim sugestão e saudade das imponentes paisagens sul-americanas, fez surgir em meus lábios um sorriso de piedade para aqueles que acreditam na noite dum período de opressão, noite em que as espadas militaristas formariam selva em redor dum tirano desvairado.

É que o Chile não pôde suportar senão escassas semanas as botas, reluzentes de esporas, dos generais que o queriam oprimir.

O exemplo é curioso para ser fixado – tanto mais que recentemente houve um momento em que a própria Europa, de tradições libertárias, se julgou no direito de se curvar ao desvario de alguns mentecaptos elevados a ditadores.

Alessandri não é um símbolo de liberdade – ele representa a falsa liberdade burguesa, a falsa liberdade constitucional – liberdade eufêmica, pois toda a verdadeira liberdade não pode desabrochar nos parágrafos desses regulamentos coibitivos que são as constituições.

Todavia, a liberdade de que Alessandri se diz representante, está para além daquela outra que os generais chilenos quiseram estrangular – e o grande país sul-americano preferiu eleger o que estava mais distante dos cárceres morais do que aqueles que desses cárceres faziam seu templo.

É um exemplo que à própria Espanha pode aproveitar. E é tanto mais eloquente este exemplo, quando é certo que vem da América do Sul – o continente que a Tirania tem especialmente escolhido para seu ninho...

1 – Ferreira de Castro viria a mudar de opinião e a excluir os seus primeiros trabalhos da edição das Obras Completas.

2 – Repúdio pela ditadura militar no Chile e, simultaneamente, pelas de Mussolini em Itália e Primo de Rivera em Espanha.

Exortação à mocidade...¹

Malheiro Dias foi, durante alguns anos, um escritor muito apreciável, que pôde fazer, à margem da sua obra política, uma obra literária de grande brilho.

«A paixão de Maria do Céu», se não é um dos melhores romances da literatura portuguesa dos últimos anos, é, pelo menos, um dos mais interessantes.

Mas com o tempo Malheiro Dias embotou-se, cristalizou. E a sua obra original foi preterida por uma obra coordenativa: – «A História da Colonização Portuguesa no Brasil».

Ultimamente, porém, Malheiro Dias, valendo-se do prestígio que lhe dera a sua obra original e a sua ausência por alguns anos dos cenáculos literários de Portugal, deu-se ao necrófilo prazer de acariciar múmias, de afagar espectros – e tornou-se, com Antero de Figueiredo, em paladino de D. Sebastião e de outras sombras pretéritas. E fez conferências católicas, fundindo assim no espírito de quem o ouviu as trevas do obscurantismo. E não satisfeito ainda, fez também uma «Exortação à Mocidade», que agora vem de ser publicada em livro.

A que exorta Malheiro Dias a mocidade portuguesa e brasileira? Para a luta dos grandes ideais? Para as sendas da emancipação futura? Para o culto da humanidade livre?

Não. Malheiro Dias exorta a mocidade luso-brasileira a trilhar os negros caminhos do reaccionarismo; exorta-a a adorar a Deus, a pátria e seus heróis de antanho, é dizer, a adorar a escravidão e os escravizadores.

Para uma mocidade – a mocidade burguesa a que Malheiro Dias se dirige – já reaccionária por condição, as palavras do autor do «Filho das ervas» terão possivelmente a influência das palavras pronunciadas pelos lábios austeros dum apóstolo.

Mas para mim, que também sou novo e que levo como único estandarte glorioso o orgulho da minha independência, o orgu-

lho supremo de não me curvar perante homens ou mitos, esse orgulho que só possuem e compreendem as almas verdadeiramente livres, sem nenhum estigma de escravidão, as palavras de Malheiro fazem-me sorrir, parecem-me apenas um eco do passado – parece-me até que não foram pronunciadas...

Para mim e para toda a mocidade livre, as palavras de Malheiro Dias não foram, de facto, pronunciadas... Só existe aquilo em que o homem acredita. E nós não acreditamos nas palavras de Malheiro Dias. Nós não acreditamos na mentira da história, no sofisma dos ideais, nas vestes enganosas da religião e do patriotismo. Nós só acreditamos na verdade da vida, no sofrimento do homem, na imperecível beleza da liberdade. Nós só acreditamos naquilo que Malheiro Dias nega.

Estamos em minoria? Embora! Foram sempre as minorias que despedaçaram as algemas que têm oprimido, através dos séculos, as maiorias.

1 – Ao apelo de Malheiro Dias para o regresso, em boa medida já realizado, das novas gerações a doutrinas cediças, opõe-se repetidamente Ferreira de Castro em nome da liberdade, da justiça e do progresso (ver Suplementos n.os 5, 16 e 104).

Camilo¹

Voltam a fazer-se ouvir, agora estrepitosamente, as tubas da fama; voltam a derramar-se as largas cornucópias dos adjetivos... E aqui e ali desfolham-se flores de retórica, que mui raramente têm o perfume intenso da sinceridade...

Consagra-se Camilo. Celebra-se o primeiro centenário do seu nascimento. Estão bem as consagrações póstumas e estariam bem até as consagrações em vida dos consagrados – se não visassem um interesse oculto ou não revelassem uma subserviência interesseira.

Mas com Camilo não se dá isso. Não é o valor de Camilo que neste momento se consagra, não é essa tragédia que foi a vida do grande escritor, que o incenso de tantos turíbulos agora envolve.

Não, é o espectro de Camilo que agora se afaga – é o dorso dos camilianistas que agora se acaricia. O centenário de Camilo é apenas o pretexto para que floresça a vaidade de uns e se desenvolvam os interesses de outros. Não é a glória do escritor que se procura adensar – é os livros que sobre ele se escreveram que se pretende vender...

O centenário de Camilo não é uma festa de glória – é uma festa de editores... Pior e mais voraz que essas festas que a França ultimamente dedicou à memória de Ronsard e que serviram até para a distribuição de comendas a quem nada tinha com o poeta ilustre.

Camilo se vivesse repudiaria certamente estes seus interesseiros admiradores. E retomaria a sua pena de polemista para os combater.

Justiça colonial²

Em S. Tomé, a justiça deixou de ser esse doce eufemismo de injustiça, ao qual já estamos habituados, para ser perseguição aberta, traficância e tirania. Isto dizem-no os jornais burgueses

- e é necessário que a justiça de S. Tomé seja estranhamente leonina, ferozmente impiedosa, para que os jornais burgueses a acusem.

A mim, se me surpreende a atitude dos jornais burgueses, não me surpreende a atitude dos magistrados de S. Tomé.

Estes, afinal, é que estão adentro da lógica...

Eles não fazem mais do que executar a nossa decantada justiça colonial e «poder colonizador»...

Nas selvas africanas, eu já o escrevi uma vez, há sangue humano que clama há séculos uma implacável vingança contra os colonizadores portugueses.

Todo o bandido que no continente não teria saciado seus instintos sem se candidatar a hóspede da Penitenciária, demanda as colónias e ali, em nome da lei, em nome da supremacia do branco, em nome do «poder colonizador de Portugal» assassina, castiga e martiriza, impunemente, a pobres seres indefesos, a pobres negros, cujo único crime é terem-se sujeitado a muitos séculos de escravidão.

E esta «justiça», bem conhecida em Portugal, merece da maioria um silêncio cúmplice e até a chancela de indivíduos que se dizem intelectuais.

Por isso não me surpreende que em S. Tomé a «justiça» entrasse no caminho da violência, da parcialidade e do despotismo. Mas também não me surpreenderei se um dia os «justiçados» abandonarem a sua letargia e resolverem executar aos justiçadores...

1 - Camilo, já citado no n.º 56, é de novo recordado. Embora possa haver uma parcela de verdade nas críticas de Ferreira de Castro o facto é que é difícil organizar uma qualquer homenagem sem incorrer em tais críticas. A reedição de obras de um autor consagrado proporciona lucros aos editores e conferências, artigos ou livros a seu respeito podem igualmente chamar a atenção para os autores destas últimas.

2 - O anti-colonialismo de Ferreira de Castro aplica-se por igual ao colonialismo português e ao de outros países (ver n.os 42, 65, 68, 92, 94, 99, 102, 109 e 134 do Suplemento).

A escravatura branca

Encontra-se em Lisboa uma senhora uruguaiana que se tem notabilizado na defesa da emancipação da mulher – D. Paulina Luisy.

Feminista? Esta definição está tão ligada a ideias políticas, que aos espíritos delicados custa a admiti-la. A política não deve constituir um anelo feminino e há muito que ela devia ter deixado de constituir um privilégio masculino.

Nem para uns nem para outros devia existir... Isto porque a mulher só será verdadeiramente livre quando a farsa do voto não subsistir. Uma sociedade que se rege por princípios eleitorais, como a nossa, nunca poderá dar à mulher a emancipação tão desejada. Eleger é sempre criar uma peanha para um ídolo ou para um amo.

Mas D. Paulina Luisy é propagandista da libertação da mulher. Ignoro se a liberdade que ela apregoa tem limites – eu de-sejo-a ilimitada. Não concebo uma Liberdade, digna deste nome, que tenha uma muralha ou um código.

E a mulher tem estado até hoje encarcerada entre todas as muralhas e regulada por todos os códigos. Tem sido escrava. Tem sido apenas um instrumento de servidão – um instrumento de prazer, passivo e sem volúpia, quer seja nos haréns do Oriente ou nessas jaulas ocidentais que se chamam – o lar... E o amor entre tudo isto é apenas um elemento secundário. E quando o amor atinge supremacia sobre os outros elementos – a mulher transforma-se em númen de fatalidade. As grandes paixões, os dramas, a ruína, a morte – porque há sempre interesses antagónicos a degladiarem-se.

Ora é necessário que o interesse desapareça de entre as relações dos dois sexos. É necessário que nenhum interesse se projecte sobre a união de duas almas. E isso só se conseguirá quando a mulher for completamente livre. Quando puder entregar li-

vemente o seu coração, quando puder desfolhar, prodigamente, as rosas do seu amor. Quando, enfim, a sua situação económica adentro da sociedade não a obrigar a uma odiosa dependência do homem.

E então terá desaparecido o amor venal, esse amor que o ouro compra, terá desaparecido a prostituição, a escravatura branca – que D. Paulína Luisy agora vem combatendo.

Literatura feminina

...Mas a emancipação da mulher, além da evolução social, deve dar-se pelo desenvolvimento do espírito feminino. Esvaiu-se já nos tempos remotos a teoria de que a mulher só necessitava conhecer aquilo que era indispensável às necessidades prosaicas do lar.

Actualmente, rasgam-se novos horizontes. A pintura, a escultura, a literatura e a música são hoje cultivadas apaixonadamente pelas hostes femininas.

E a literatura, que de todas as artes é a que torna o espírito mais culto e universalista, está sendo amada intensamente pela mulher.

E nisso a Inglaterra e a América destacam-se. A maioria dos novelistas contemporâneos destes países – são mulheres. São elas que povoam os «magazines» com suas novelas de aventuras, são elas que escrevem os folhetins para os grandes jornais, os dramas ligeiros para o teatro, os entretidos para o cinema.

E não são só escritoras as que vivem desta profissão. Um editor de Londres acaba de publicar um interessante volume intitulado «The Cresset anthology», onde reuniu vários trabalhos literários de apologia à beleza da capital britânica.

Quem colabora nessa antologia? Nomes consagrados? Não. Rarapigas que trabalham em escritórios comerciais, em oficinas penumbrosas, e que aproveitam as escassas horas de ócio para dedicar-se à literatura. E – caso curioso! – as suas produções, que se supunham ingênuas, defeituosas, acabam de ser exalçadas pela imprensa francesa.

Tarde falaram¹

Alguns jornais, para denegrir os “soviets”, regime hoje autoritário mas considerado ainda pela burguesia como um vulcão revolucionário, começam a exaltar o povo russo – a exaltá-lo e a lamentá-lo com voz de carpideiras pagas à hora.

E atribuem mil misérias a esse povo, mil sacrifícios – noites de insónia e de fome, noites de pesadelo, passadas junto aos escombros dos palácios czarescos...

E fingem chorar pela sorte das crianças que se definham e pelos inválidos que agonizam sob a indiferença do novo regime...

E descobrem adjectivos pueris, e mostram-se caritativos, magoados com o estado a que a revolução teria levado o povo da Grande Rússia...

É o sacerdócio da hipocrisia, é o evangelho da mentira.

O povo russo não passa hoje as noites de fome que lhe atribuem os «piedosos» jornais.

O povo russo o que passa hoje são noites de insónia, porque não pode haver um sono tranquilo que não seja vigiado por uma liberdade absoluta.

E o mundo burguês teve o condão de poder estender as garras da sua tirania até essa terra que arvorou um dia todos os estandartes duma liberdade que nascera para ser definitiva.

E enquanto os orientadores da revolução não manietaram essa mesma liberdade, o mundo burguês bloqueou o povo russo, afastando-se do seu contacto, aproveitando a fatalidade de más colheitas agrícolas para isolá-lo pela fome.

Seus navios não tinham entrada nos portos estrangeiros e quando os navios estrangeiros fundeavam nos portos russos, não era para levarem socorros, mas sim elementos de guerra, de morte.

Foi então que apareceram crianças mortas pela fome – definhados, esqueléticos, os pequeninos braços; dilatados, arroxeados, in-

toxicados, os ventres famintos. Foi então que à sombra duma cruz se tiraram fotografias desses entes sacrificados por uma burguesia que preferia ver toda a Rússia transformada num cemitério, a cancelar os princípios de liberdade que ela apregoava.

E essa cruz que padroava os montes de cadáveres tinha um sentido sinistro – sentido de opróbrio de que o mundo se devia envergonhar. Mas nunca a cruz foi outra coisa que um instrumento de opróbrio. Foi sob a égide dela que os católicos acenderam as fogueiras da inquisição, que rapinaram, que assassinaram em nome de Deus, da Pátria e do Rei; foi com ela que fizeram esse martirologio de muitos séculos e junto do qual o de Cristo, vítima também da cruz infamante, não passa dum pequeno episódio do sofrimento humano. Não queirais nunca uma cruz, nem que seja sobre o coval, porque ainda ali ela não é um elemento de paz, mas sim um elemento de tortura, de escravidão, que quer distender seu poder para além da morte! Isto porque nunca devemos amar os nossos algozes.

E a cruz, mudo algoz duma humanidade fanatizada que bendizia o látigo que a lacerava, nunca pode influir, num sentido de clemência, naqueles que se diziam seus idólatras. E não influenciou também no mundo burguês quando surgiu a padroar as crianças que na Rússia tombavam, vítimas dessa fome que o conservantismo internacional não quisera debelar.

Debalde o dr. Nansen percorreu a Europa, mostrando essas fotografias, onde os mortos jaziam ao pé duma cruz. Debalde. A caridade burguesa não o quis ouvir – e o sábio, ao fim da sua missão, tinha conseguido apenas alguns ridículos milhares de francos.

E os jornais, então, não falavam da fome russa e se falavam era para aconselhar aos famintos que vendessem a liberdade para saciar o estômago... Falaram, não para atenuar a miséria do povo russo, mas sim para combater, para infamar, para caluniar a obra da revolução.

E foi preciso que se transigisse, que se oferecesse de novo a Rússia às garras do Ouro e da burguesia internacionais, para que à Rússia fosse dado o direito de viver.

E é agora, que esse direito parece admitido pela burguesia, que se sente bem retribuída por essa concessão, que alguns jornais vêm falar duma fome já pretérita, lamentando a situação do grande povo russo.

Tarde falaram...

1 - Crítica que visa principalmente a atitude hipócrita dos governos ocidentais, mas não deixa também passar em claro a natureza totalitária do regime implantado na Rússia; é duvidoso que nela esteja implícita uma crítica à "Nova Política Económica", que poderá não ter sido cabalmente apreendida por Ferreira de Castro ou que haja sido entendida e justificada como necessidade imperiosa e urgente. Ver também «Mudança de critério», n.º 109 do Suplemento.

O Teatro Nacional

Assisti há dias à “première” no Teatro Nacional do «Abade Constantino». E até agora não pude compreender porque se exilou do pó dos arquivos a esta velha peça.

Velha por sua técnica, por sua sentimentalidade e até pelo seu conflito. Peça para agradar ao público fútil do século passado, dela só se compreenderia a ressurreição se desse pretexto a um grande, a um intenso papel. Há peças que, deixando de viver por si, persistem todavia pelo trabalho dum dos seus personagens centrais.

Mas nem isso possui «O Abade Constantino». Chaby Pinheiro, por quem confesso minha rara admiração, está, contudo, neste papel, abaixo das suas grandes qualidades de comediante. E quanto ao conjunto, ele é inferioríssimo.

Porque se ressuscitou, então, a peça? Com meros intuitos mercantis? Com o desejo de servir a um público benevolente e amante de tudo o que é medíocre, essa salada de sentimentos comuns, que é «O Abade Constantino» e que são todas as peças do seu género?

Se foi isso, eu compreendo enfim a ressurreição dessa comédia, mas tenho nesse caso de lamentar a orientação do Teatro Nacional e com esta a de Lino Ferreira, cujas qualidades de inteligência e trabalho podiam ser melhor aplicadas.

O Teatro Nacional, teatro-padrão, teatro-exemplo, não pode e não deve ocupar seu palco e seu tempo com essas peças medíocres, senis, como são a «Vivette», «O Abade Constantino» e tantas outras que ou são retiradas do arquivo onde tinham o direito de para sempre ficar sepultadas, ou importadas recentemente de França, mas trazendo sempre a assiná-las o nome de escritores cujo único talento consiste em vingarem-se dos prazeres vulgares do público ignaro, dando-lhe com grandes lucros latão por ouro...

Ora não é esse o papel do Teatro Nacional.

Está bem que ali se ressuscitem obras arcaicas, quando elas tenham uma beleza imperecível e concentrem os processos dramáticos da sua época, dos quais serão como um índice. Está bem ainda que se importem peças do estrangeiro, mas peças que sejam um exemplo da dramaturgia moderna, peças de ideias e de renovação, de que andam tão mendigos os nossos teatros. Está bem tudo isso – e isso é o que o Teatro Nacional deve fazer. Mas não. Os maiores dramaturgos de outrora encontram ali um sepulcro definitivo e os grandes dramaturgos contemporâneos dali estão exilados, com prejuízo do público que não se podendo educar no verdadeiro teatro moderno vai aplaudindo e preferindo, porque outra coisa não conhece, essas peças feitas apenas para o explorar e que trazem a marca dos Wolf, dos Meré, dos Frondaia e de tantos outros legionários da mediocridade.

Não. Esse não é o papel do Teatro Nacional. Este teatro, que anda atrasadíssimo, não tem o direito de perder mais tempo com os vários «Abades» e com as várias «Vivettes» que constantemente aportam ao seu palco. Porque se continua a perder esse tempo, mais se atrasará...

Isto sem falar na situação dos dramaturgos portugueses perante o Nacional, e cujo drama é maior e mais intenso do que os próprios dramas que eles escrevem...

Mas destes quero eu falar um dia mais demoradamente. É preciso que as relações dos novos dramaturgos com os empresários não constituam uma afronta constante ao autêntico valor e a toda a verdadeira sensibilidade. É preciso que essas relações sofram uma mutação e esta tem de ser feita pelos dramaturgos novos.

As rosas olvidadas...¹

A chegada das andorinhas, da primavera e do inverno, são eternos motivos para quem não encontra facilmente um assunto jornalístico.

E, assim, quem tem pudor artístico, orgulho de criação, chega a repudiar esses três elementos de beleza – tornados prosaicos pelos fúteis adjectivos com que os vestem anualmente.

O adejo das andorinhas este ano já foi assinalado e já foi também desprendida a folha do calendário que marcava a primavera.

Mas os jornalistas esqueceram-se dum outro elemento de beleza – as rosas. Todos os anos se esquecem delas. Isto porque há um velho litígio entre o calendário e os jardins. Para os jornais, é certo, a primavera principia em 21 de Março, mas na verdade, para quem não tem de escrever uma crónica anual, ela só principia quando desabrocham as rosas, prodigamente, exuberantemente.

E só agora esse fenómeno, de tão intensa e litúrgica beleza, se realiza.

Os jardins principiam a florir: – há rosas em todos os recantos, rosas vermelhas, que sussurram, às grades, madrigais aos transeuntes; rosas que trepam às sacadas, namorando e perfumando o colo de virgens anelantes de amor; rosas que abrem seu cálice às carícias do sol, como uma boca rubra para outra boca em fogo; rosas que embriagam, que nos fazem sonhar e que retêm todo o encanto da vida.

E é bom que assim seja.

Os jornalistas não o sabem; não as descobriram ainda; não as descobriram nunca.

Ah! desolados irmãos que não conheceis a única coisa verdadeiramente bela que estas tardes primaveris nos podem oferecer!

Abre-se um jornal e vemos nele um museu de crimes, de ódios: – fantásticas aventuras policiais, assaltos de cine-drama, extorsões, prisões, sacrifícios, heroísmos anónimos desvirtuados por aqueles que nunca tiveram heroísmo – lama, sangue, dor. Novela, fantasia caluniadora. Um público ignaro que exige da vida as mesmas sensações que o cinema lhes fornece a tanto por hora.

É esse público que justifica e cria a necessidade dos episódios rocambolescos que os “detectives” vão narrando, com ilustrações tomadas ao natural e com castigo dos modelos... No âmago, procurando apunhalar nos homens as ideias que são puras, que nada têm com os delitos e que nunca desceram à vileza dum interesse ou duma ambição. O prazer com que converteriam o mundo numa cultura de bacilos lombrosianos!

A ideia é transcendente e não cabe num folhetim de jornal, nem está, como uma pepita de ouro, na mão que prevarica.

A ideia é pulcra como uma dessas rosas de que os jornais não falam.

Amo, por isso, visitá-las, nos arredores silentes, à hora em que de seus cálices, indiferentes às jornadas da calúnia, parece levantar-se uma nebulosa de ideal.

1 – As rosas – «Rosas de Inverno» – já foram objecto de desvelada atenção no n.º 57 do Suplemento. Ferreira de Castro adorava rosas e as flores em geral. No artigo «As flores como eterno motivo de beleza», publicado em «Renovação» (revista quinzenal do grupo editorial A Batalha em que também colaborou intensamente), confessa que apenas com seis anos já possuía na aldeia natal um pequeno jardim «clandestino» onde cultivava diversas flores.

Os heróis pretéritos¹

Há dias, num periódico de Lisboa, o sr. Paulo Osório lamentava-se que o escritor francês H. Rosny Ainé, chamasse a Vasco da Gama um massacrador de indígenas indefesos. A Vasco da Gama, a Hernan Cortez, a Pizarro e mais alguns dos piratas gloriosos que em nome da civilização espoliaram e escravizaram continentes e povos longínquos.

Pelo que diz respeito a Gama, pode ser que a classificação de Rosny Ainé, ofenda os dinossauros do patriotismo português; mas isso nada significa, uma vez que ela honra a verdade.

Dizer que Vasco da Gama foi um herói – e não acrescentar que foi um herói do massacre, era mentir. Vasco da Gama e Albuquerque – todos os famosos navegadores e conquistadores do Portugal antigo.

O «heroísmo» que outrora os levou à glória, aos «pantheons» e às estátuas das praças públicas, levá-los-ia hoje às celas da penitenciária.

A história precisa de ser corrigida – e por isso, eu que não tenho pela obra do sr. Rosny Ainé grande admiração, assinalo todavia meu prazer, ante o facto dele ter comemorado o centenário de Gama – chamando lhe massacrador... Isto, porque a verdade nunca me pode contrariar, seja dita por quem for.

Evidentemente que o mesmo não sucede com Paulo Osório, que apesar de estar na capital do mundo, luta com crise de assuntos – de assuntos que agradem aos portugueses e justifiquem o dispêndio de um quarto de coluna no *Diário de Notícias*.

A epopeia dos cárceres²

Eu já disse em meu livro «Mas...» que a «prisão é a coroação». Não são os grandes criminosos que estão na cadeia – estes vivem em sumptuosos palácios.

Os grandes assassinos, aqueles que envenenam cidades inteiras, que depauperam juventudes, definham infâncias, tuberculizam adolescências, esses não têm por única perspectiva as grades duma prisão – para esses todos os horizontes se rasgam e todas as fronteiras se eliminam, numa amplitude de liberdade infinita.

O cárcere chega assim a ser uma espécie de Capitólio – porque lá se encontram os que menos crimes cometeram – e os cometeram muitas vezes justificadamente, nobremente. Porque há crimes nobres – os crimes das ideias são sempre nobilitantes. O código, condena-os; mas a história os exaltarà.

E talvez por isso, aqueles que nunca tiveram uma ideia nobre, aqueles que estão na autêntica Rocha Tarpeia, apesar de seus automóveis, de sua liberdade, de seus palácios e de seus crimes impunes, odeiam os presos – e não se satisfazem enquanto não lhes sugam a vida escrava, lentamente, mui lentamente, num suplício que com requintes de crueldade ultrapassa os próprios suplícios orientais.

Não os podem matar publicamente, cegamente – e por isso vão matando-os na treva, aos poucos, em enxovias piores que covis.

É isto o que se está passando na cadeia da Relação do Porto. É isto o que se passa na maioria das nossas cadeias. Oh! que estranha epopeia se escreverà sobre os cárceres, quando a trágica sombra destes não se projectar já sobre a terra livre!

1 – A denúncia dos heróis da «expansão ultramarina», portuguesa e alheia, é consequência lógica da defesa do direito de todos os indivíduos e povos à liberdade; portanto do seu anti-colonialismo, do anti-militarismo e da oposição à violência.

2 – Creio que foi Bakunine que disse que enquanto houver um homem em prisão ninguém é verdadeiramente livre. O sistema prisional não só não logra, na esmagadora maioria dos casos, a reabilitação dos delinquentes, como parece ser sobretudo uma alternativa cômoda à procura de soluções para problemas sociais que a sociedade (ou quem a dirige) não está particularmente interessada em resolver.

Tom Mix

Um saltador de obstáculos, um ginasta, um montador de cavalos, um chapéu à “cowboy” e um nome conhecido por todos os amadores do cinema de aventuras – Tom Mix.

Muito para uma novela policial – nada para a arte. Tom Mix está paralelo a António Moreno, a Helena Holmes, a Pearl White, a todos esses que não fossem arte em cinema – a todos esses que distraem a orfandade de bom gosto que caracteriza a maioria das populações norte-americanas e também aquelas que não sendo americanas esquecem a verdadeira Beleza, para se deslumbrarem com heroísmos inverosímeis.

E, assim, até em Paris, onde acaba de chegar, Tom Mix encontrou uma enorme multidão aguardando-o na Gare.

Não queriam esses milhares de curiosos conhecer apenas a Tom Mix, mas também ao cavalo com que ele entra nos “films” e que o acompanha a toda a parte. Estes heróis de película, que sem a companhia dum cavalo constituiriam um paradoxo mental, costumam ser coerentes, apelando para a fraternidade daqueles garbosos quadrúpedes...

E Tom Mix havia desembarcado em Londres montado sobre o seu famoso corcel.

E era isso, era Tom Mix em atitude equestre que atraía a multidão parisiense para a “gare” de S. Lázaro...

O motivo parece bastante fútil para juntar uma multidão, mas não me surpreende.

Desde que Carpentier foi recebido como um herói, desde que a cabeça do Jack Dempsey se aureolou duma fama mundial, não nos deve surpreender que Tom Mix e seu cavalo tenham fervorosos admiradores.

E não devemos sequer lamentar essas multidões, vítimas das trevas mentais em que as têm conservado, através dos sécu-

los, os seus opressores. O que devemos é revelar-lhes o que é autenticamente belo, é inocular-lhes o verdadeiro sentido da Beleza.

Tornar-se-á decerto odioso o papel em que escrevo isto – mas geralmente só os papéis odiosos encerram os hieróglifos da Verdade... A Mentira, sim, é coleante, inefável, simpática...

A força¹

Há notícias de jornal, duas linhas escondidas no meio duma coluna, que nos insuflam um estranho mundo emocional ou que nos descerram os pórticos dum templo de sinistras visões.

Esta, por exemplo: – em Angora (Ankara) vai ser enforcado o chefe da revolução Curda. Nunca ouvi falar dele. Não me recorde de lhe ter lido algum dia o nome. Ergueu seu braço pela Liberdade ou pela Tirania? Não sei. Eu quase não leio os jornais. E minha ignorância neste ponto não me assombra. Quando, porém, ouço falar dum revoltado, suponho que ele honra essa designação. Eu não compreendo a revolta sem que esta seja contra a tirania – eu não posso compreender um revoltado contra a Liberdade.

Mas contra quem se revoltou o chefe curdo? Minha ignorância, ao ler-lhe neste momento a sorte má, entristece-me e leva esse revoltado a esfumar-se em minha alma, para só ficar, sinistra, enorme, a visão da força a que ele foi condenado.

Vejo o madeiro trágico delinear-se na desolação do céu longínquo – vejo-o, aguardando com impressionante serenidade o corpo das vítimas, as vidas que ele destroçará impassivelmente.

Há nuvens negras, corvos – elementos dum novo calvário.

E sempre no roxo do crepúsculo o sinistro madeiro a delinear-se, a precisar-se, a erguer-se cada vez mais alto.

Há ainda uma força na terra! Há ainda muitas forcas na terra! Forcas legais, forcas chanceladas por códigos, forcas que esperam pacientemente as vítimas – forcas que não possuem se-

quer a justificação de ter sido improvisadas para estrangular os últimos tiranos...

1 - Ferreira de Castro pronunciou-se contra a pena de morte noutro artigo do n.º 32 do Suplemento não inserto nesta coluna e intitulado «Os espectadores da morte...». Idêntica posição foi assumida pela redacção no editorial do n.º 8 («A pena de morte. O absurdo da sua aplicação na nossa época») e num testemunho no n.º 86 («A pena de morte»), bem como por Nogueira de Brito («Cunha Leal e a pena de morte», n.º 122), Alfredo Marques («A pena de morte é o maior ultraje feito à civilização contemporânea», n.º 138) e Repórter X (Reinaldo Ferreira) em «As penas de morte. Da fogueira à guilhotina e da guilhotina à cela dos gases asfixiantes», no n.º 138. Não se apagara ainda a repulsa suscitada pelo projecto de restabelecimento da pena de morte, de Cunha Leal, na sequência da noite sangrenta do 19 de Outubro de 1921, em que foram assassinados o primeiro-ministro de então, António Granjo, dos oficiais de marinha e heróis do 5 de Outubro Machado Santos e Carlos da Maia, e de alguns outros.

A felicidade na terra

«Um leitor assíduo que concorda quase sempre com seus artigos rebeldes» envia-me o n.º 1 duma revista que se acaba de publicar em Oliveira do Bairro. Intitula-se «Esperança» e é dirigida por um padre – o rev. Agostinho Pires.

Algumas das páginas da revista vêm tracejadas a lápis azul. Li-as. O meu «leitor assíduo» adivinhou: – essas modestas páginas interessaram-me.

Escritas por um padre, elas eglogam a Ciência, que foi sempre inimiga da religião. E profetizam que «a humanidade pode viver feliz na terra e ter ao seu alcance os meios de conseguir a eterna felicidade».

Naturalmente, o padre sr. Agostinho Pires justifica aquela afirmação com alguns raciocínios algo esotéricos, que não podem constituir decerto um estatuto para a humanidade que ele deseja eternamente feliz... Mas é certo também que ele, para chegar a essa conclusão, cita mais os nomes dos sábios do que o nome de Deus.

E afirma – e aqui está o seu arrojo – que o homem pode ser feliz na terra, enquanto os outros padres juram que a felicidade só está no céu...

Eu não acredito no céu, nem em Deus, nem tão pouco na felicidade. É esta uma expressão poética, síntese das aspirações que nunca se realizam – manto de beleza a envolver o prosaísmo da vida. E eu faço um conceito demasiado elevado da felicidade para poder acreditar na possibilidade da sua existência... «Só a dor existe», só a dor palpita no coração do homem, mesmo quando ele se ilude, mesmo quando ele, depois de reduzir a felicidade a mesquinhas proporções, se julga feliz...

Mas, se eu acreditasse na felicidade, só na terra podia admitir a sua existência. Materialismo? Não. Meu sonho voa mui al-

to, devassa todos os firmamentos, mas para isso não necessita do bordão de Deus, nem tão pouco de falsas visões celestiais.

É, porém, com a morfina duma felicidade celeste que esse apostolado de hipocrisia que é o catolicismo tem anestesiado a revolta que a desdita da vida em que o homem tem vivido até agora, fatalmente provocaria. É com essa felicidade mentirosa que a Igreja tem ampliado o culto do sacrifício, do martírio, castrando rebeldias, cerceando o voo das grandes cerebrações, é dizer, das cerebrações livres.

E aí do padre sr. Agostinho Pires se a Igreja constata que ele afirma ser possível a felicidade na terra!... Excomunga-o irremediavelmente.

Os manuscritos de Zola

M.me Zola, recém-falecida, esteve, há anos, no Estoril.

Trazia vários manuscritos de seu marido. Cartas particulares, esquemas de romances – uma fortuna.

Tinham-lhe oferecido por eles muitos milhares de francos – ela, porém, afirmava que não os venderia nem por muitos milhões.

Aqueles manuscritos não deviam servir para a voracidade dos editores. A vida íntima de Zola, embora exemplar, e seus bastidores intelectuais, fulgurantes de gênio, não devia ser motivo de interesses mesquinhos, mercantis.

E ao revelar isto, M.me Zola, aureolada de austeridade pelo seu luto, mostrava os manuscritos a dois literatos portugueses, com a comoção de quem mostra uma preciosa relíquia.

Deve-se dizer que Zola, um dia, querendo, em homenagem às suas ideias, fecundar vida, copulou, com conhecimento de sua esposa, uma outra mulher. A esposa, porém, compreendeu a intenção elevada desse gesto e nunca teve para o morto senão palavras de admiração.

Os exploradores da fé¹

Primeiro as alucinações de Bernardette, a virgem cuja vidência se estabelece entre as anomalias registadas pelos neurologistas...

Logo a superstição popular, a crença duma humanidade fanatizada durante muitos séculos pelo culto de visíveis mitos...

Por fim os abutres negros da religião, farejando a carniça, transformando a capela rústica inicial em templo sumptuoso, reavivando as lâmpadas já quase extintas da superstição, fazendo de Lourdes um centro de turismo explorado por Deus...

E a farsa prosseguiu, ampliou-se, e esse sacerdócio da mentira espalhou-se pelo mundo, seduzindo os enfermos, aqueles que ante a perspectiva da morte acreditam no próprio inverosímil.

E mais uma vez a Igreja mercadejou com a dor humana - a dor humana, que para os fracos foi sempre a única justificação de Deus e dos milagres.

Ante os corações que choravam sangue, acovardados, em sua marcha para o sepulcro, os fâmulos de Deus ergueram uma salvação impossível, na qual eles próprios não acreditavam, mas que constituía uma inexaurível fonte de dinheiros...

Atraçoaram a verdade, como Judas atraçoou o Cristo que eles adoram. A Zola, o monstruoso embuste deu assunto para uma obra formidável; a mim, certa tarde, numa clínica, levou-me à sensoria de repudiar o tratamento que um médico me vinha fazendo - um médico que desonrava a sua profissão, a própria Ciência que servia, afirmando-me que os milagres de Lourdes eram verdadeiros, que Zola os constatará, mas que, apesar disso, os negara... Meu cérebro abriu há muito todos os horizontes da tolerância; eu não sou faccioso, não procuro dominar ninguém com as minhas idealidades, eu procuro conhecer a psicologia dos meus adversários para explicar seus actos

- isso, porém, não significa que, procurando o auxílio da medicina, na qual tenho uma relativa crença, fosse tratado por um fâmulos de Deus, de que descreio absolutamente...

Este episódio, ocorrido em anos já nevoados pela distância, ressurgiu agora da arca das minhas recordações, ante a notícia de que quase dois mil peregrinos portugueses demandaram Lourdes - em profissão de fé.

Dois mil homens que, pastoreados por alguns padres cépticos, vão arrastando sua dor ou sua crença fatal, através das planícies de Espanha, dos campos de França - rebanho que procura, iludido, encontrar uma fonte límpida onde há apenas um pântano miasmático.

Plagiam-se as trágicas peregrinações a Santiago de Compostela; copia-se essa horda de leprosos que no silêncio das meias noites de Jerusalém, de chocalho ao pescoço, vai solicitar à porta do Santo Sepulcro uma cura que não virá - que não virá jamais, jamais...

Muito pode a crença humana, que a angústia alimenta, que o desespero solidifica, mas muito mais podem aqueles que com essa crença exploram, aproveitando-se da ignorância que eles próprios fomentaram, através dos séculos, na maior parte da humanidade...

As múmias vivas...²

São as gerações novas que trilham audaciosamente, em todas as épocas, os caminhos a medo delineados pelas gerações anteriores.

São as gerações novas que ampliam todas as ideias que só muito vagamente foram meditadas pelas velhas gerações.

Às vezes, porém, sucede que os herdeiros dão-se ao capricho de desalojar dos túmulos aos seus mais remotos ascendentes. E surgem-nos, então, cobertos de pó, agitando espadas que o tempo oxidou - velhos, prematuramente velhos, em sua plena juventude.

E eglogam o passado, as instituições decrépitas, os mitos já sem fieis – na ânsia de engalanarem o desolado pedestal onde eles quiseram ser homens e afinal são múmias, detendo em seus ressequidos lábios um esgar grotesco.

São esses os que atraíçoam a sua época – os que tentam apagar o sol que os viu nascer...

Adulam políticos, cultivam as cerimónias religiosas, repudiam o esforço humano, libertador e grandioso, dos últimos séculos. Sua tarefa, porém, é vã – sua voz perde-se, sem eco, num grande, num ilimitado labirinto. E o destino dos que nasceram demasiado tarde...

1 – Ateu e anti-clerical Ferreira de Castro não desperdiça oportunidades para formular críticas à religião em geral e à religião católica em particular. Depois das enunciadas em «A felicidade na terra...» (n.º 75) toma agora por alvo os milagres de Lourdes e as peregrinações a este santuário.

2 – Igualmente se repetem as diatribes contra o reacconarismo das novas gerações. Ver também os n.os 3 e 57 do Suplemento.

O cinema moderno

Eu compreendo a arte antiga, essa arte que traz uma beleza tão densa que, apesar de pretérita, dir-se-á que floresce sobre os pórticos da Eternidade.

Eu sinto e vibro com certas expressões da arte que desabrochou nos jardins dos séculos mortos.

Eu defendo, porém, a Arte Moderna, aquela que repudia qualquer ligação com o passado, aquela que leva um grande anseio de ineditismo, um anelo enorme de horizontes novos...

E se tivesse subserviência mental para comungar no altar de qualquer escola literária, eu só comungaria nos altares das escolas novas, onde não se ostenta ainda o ídolo dum único génio.

E todo o artista novo, verdadeiramente novo, ou procede assim e honra a sua época, se não tiver talento para honrar as épocas futuras, ou cobre-se de pó e é um feto a mais, brotado das múmias dos autênticos artistas do passado.

Eu sou classicóforo, mais pelos classicófilos do que pelos clássicos... Entre a arte que se fez até ao fim do século XIX e a que se deseja fazer no século XX ergue-se uma alta muralha que nós, os detentores do espírito da época, devemos levantar cada vez mais alto...

Os artistas do passado percorreram todas as sendas, anteciparam-se, por mera circunstância cronológica, às nossas mais belas concepções, e hoje, ou temos de fundar uma arte nova, ou teremos de ser grotescos imitadores de nossos antepassados.

E para quem tiver o orgulho da personalidade é bastante desprezível o papel dos símios. Os classicófilos, acostumados a aspirar as rosas murchas, negam-nos justiça, proscrevem-nos da razão. Mas isso nada significa, uma vez que tenhamos talento para abrir novas veredas. Ao cabo e ao fim, daqui a alguns séculos também seremos clássicos...

Somos bizarros, exóticos? Que importa, se para isso é necessário ser artista? Quebramos o ritmo antigo? Que mal há nisso, se esse ritmo, que se vai tornando monótono, é substituído por um outro cheio de inédita vibração?

A arte precedeu sempre a evolução da humanidade e nunca, como neste momento, a revolução na arte foi tão percursora da revolução nas ideias.

Em arte o indispensável é ter talento, como em ideias o indispensável é ter sinceridade. E as manifestações do talento moderno surgem de momento a momento, entre o febril bailado das horas que decorrem e rompendo o cortejo dos seus mais terríveis inimigos, que são os cabotinos e os mediócrs, que se dizem modernistas apenas porque tiveram a felicidade de nascer numa época que lhes não pertence...

A última manifestação do talento moderno vi-a há dias no "écran" dum cinema lisboeta. A indústria cinematográfica de França reabilitou-se com essa obra. Os "films" até hoje realizados, se exceptuarmos o «Gabinete do Dr. Caligard», que só por referências conheço, são expressões de arte vetusta e, depois de se ter visto a «Desumana», só podem ser projectados perante os espectros dos nossos antepassados, reunidos em assembleia.

Marcel l'Heiber, nesta obra, se não os descobriu, fixou pelo menos novos horizontes à cenografia, deu novos cambiantes à luz e fez girar duma maneira inédita a manivela das perspectivas. O impressionismo, o expressionismo, a própria alma da vertigem, se desvendam ali, ao lado das mais belas descobertas dos pintores modernos.

O público assistia com interesse ao "film", mas o público do cinema onde a «Desumana» foi projectada é, na sua maioria, burguês, e comentava aqui e ali e ridicularizava de quando em quando. E como a burguesia não é constituída apenas por indivíduos de largo abdómen, que ultrapassaram já a fronteira dos quarenta, muitas bocas jovens, que só por erro se fazem ouvir na nossa época, ridicularizaram também. A raposa da fábula teve nessa noite muitos discípulos...

Mas o “film” terminou, a burguesia empeliçada dirigiu-se para seus automóveis e dentro em pouco – oh! estranho sortilégio da arte moderna! – os sumptuosos veículos, com sua marcha apressada, com seus faróis esbatendo-se, inquietos, nos troncos das árvores da Avenida, produziam os mesmos efeitos bizarros que no cinema vinham de ser ridicularizados, à falta de inteligência para serem compreendidos...

A utilidade dos patriotas¹

Paulo Barreto foi um desses escritores a quem depois da morte não se pode fazer justiça, porque ele tinha esgotado em vida as homenagens mais imerecidas, as consagrações mais indevidas.

Cabotino, insinuante, deslizando entre políticos pródigos em «benesses» e rebanhos de patriotas prontos a aplaudir, ele conseguiu desfrutar uma glória que faria sorrir se não afrontasse aqueles que mais justamente a mereceriam.

E assim, quando a morte o levou, nada mais havia a dar-lhe e pela primeira vez no Brasil a morte viu-se obrigada a não ampliar a glória dum nome que todos afirmavam ser de talento...

Mas nem assim cessaram os ditirambos e já que não lhe podiam elogiar a obra literária, elogiavam a sua obra de cabotino – é dizer, seu patriotismo e seu espalhafatoso amor a Portugal...

Isto era pouco para homenagem póstuma a um literato, mas nada mais se podia oferecer aquele a quem a morte nada encontrara para glorificar...

Veio, porém, o sr. Antônio Torres, publicista cujo valor aprecio mas cujo cabotinismo repudio, e tentou restabelecer a verdade sobre Paulo Barreto – que outro talento não teve além do de conseguir fazer acreditar como boa sua obra de terceira classe.

Então, todos os fâmulos do escritor morto se levantaram – e brandiram mais uma vez o archote do seu patriotismo, já que

não era possível fazer brilhar de novo e falso sol de sua glória literária.

Os patriotas mentiam para defender o morto – e o morto era espancado sacrílegamente, por ódio aos patriotas...

E, por fim, quando veio o silêncio, a obra de João do Rio estava despida dos falsos adjectivos que lhe dispensaram os jornais – estava nua dos encómios alheios, que eram o seu autêntico valor...

Os amigos do literato tinham apressado a sua morte definitiva. O mesmo espalhafatoso patriotismo que o elevara, cerrara-lhe fortemente o túmulo recém-aberto. E afirma-se ainda que são úteis os patriotas!...

1 – Ao humanismo internacionalista de Ferreira de Castro repugnava o nacionalismo estreito daqueles que Eça designou humoristicamente por patriotarrecos.

O regresso...¹

Volvem a ecoar nestas páginas as más palavras da semana, volvem aqui a reflectir-se os gestos grandes e os gestos mesquinhos dos dias que vão morrendo, lentamente, ingloriamente.

E muitas palavras foram pronunciadas e ensaiados foram muitos gestos, durante a ausência de minha pena destas colunas.

Agora, ao interceptá-los, faço-o com tristeza. A melancolia de recomençar? Sim. Mas também, e muito especialmente, a melancolia de saber que só vilezas tinha a registar nesta secção, durante os meses que dela me exilei.

Vozes de protesto e rebeldia, indignações veementes, que eu fixaria aqui, desgarram-me agora desses dias decorridos e vêm de novo ecoar na grande nave de minha alma.

«É preciso que flageles todas as ignomínias, é preciso não olvidar quem um dia afrontou a espécie. Não dês o piedoso óbolo de teu esquecimento a quem vive esquecido de tudo que é grande, nobre e generoso. Sê inflexível e não perdoes aqueles que fecundam a dor, sem um princípio de justiça, embora o tenham feito já muito remotamente» - grita-me, pede-me, solicita-me, no silêncio de meu gabinete, minha alma confrangida.

E eu recordo... Durante minha ausência destas colunas cometeram-se tantas iniquidades! Porquê esquecê-las?

Porque esquecer esses pasquins onde se afirmava que para a Guiné haviam sido deportados homens por «suspeita de terem tomado parte num atentado contra o sr. X»?

Porque esquecer essa afronta ao espírito de minha época, que luta por um mundo novo, por uma vida nova?

Como olvidar esse regresso aos dias torvos da idade média? Como olvidar que a suspeita forma cadastro e abre a porta do exílio a um homem, qualquer que ele seja?

Como olvidar esse céu longínquo, essa terra inóspita, que a ferocidade de alguns indivíduos transformou em terra de degredo, para alguns homens que eu não conheço, a quem nunca apertei a mão, a quem talvez nunca tivesse visto, mas que em sua maioria não tinham outro crime senão o de *serem suspeitos* à polícia?

Como olvidar essa terra que já se abriu para receber o cadáver de alguns degredados?

Como olvidar que a suspeita pode, no século XX, levar ao degredo ou ao fuzilamento, no cúmplice silêncio duma das esquinas da noite?

Como cancelar sem revolta a ressurreição dos inquisidores de antanho? Como justificar um crime com outro crime?

Como aceitar que por delito de quatro ou cinco homens se alterem os princípios de humanidade? Que se aniquile a justiça?

Vêm outras recordações, outros ecos...

Chegam, como corvos, os inimigos da Liberdade. Insaciáveis, devoram-se uns aos outros.

Estão cheios de ignomínias e de vilezas os dias decorridos. E nem um gesto nobre. Nem um gesto belo. Só a vileza passeia de automóvel, ostenta-se nas ruas e nas poltronas da política. Enche tudo - sufoca-nos.

Dias angustiosos e almas vis, às quais o sol estiar não pode depurar as fétidas exalações.

E por isso eu amo a literatura. E por isso eu me sinto agora triste, ao regressar duma longa deambulação pelos jardins literários...

As almas na Literatura

...É que só na literatura a vida é bela, cheia de encanto, de sortilégio. Os casos da vida comum aportam ali com um ritmo novo - um estranho e inebriante ritmo. E as almas são outras. As próprias almas mesquinhas chegam ali a ser grandes. As al-

mas da literatura são bem diversas das almas da vida – mesmo quando aquelas se empenham em copiar estas. Almas tocadas de mágico condão, elas fazem-nos olvidar aquelas outras que deambulam lá fora, para lá da porta, que deambulam como feras impacientes.

Almas falsas, estas que descobrimos na literatura? Que importa! Tantas vezes a mentira é mais bela que a verdade!

1 - Trata-se de uma sucessão de eventos deploráveis. Em Março de 1925 assalto fracassado ao quartel-general por elementos conservadores. A 18 de Abril insurreição militar de Filomeno da Câmara, Raul Esteves e Sinel de Cordes que foi dominada. A 24 de Abril pedido de renúncia do presidente Teixeira Gomes, que não é aceite. Em 31 de Abril, o governo de Vitorino Guimarães (partido democrático) deporta para Angra do Heroísmo, sem julgamento, por suspeita de pertencerem à Legião Vermelha, operários honestos de mistura com delinquentes comuns. A 15 de Maio é alvejado a tiro o ominoso comandante da polícia de Lisboa, Ferreira do Amaral, responsável por prisões arbitrárias e sevícias contra detidos. Novas perseguições contra o movimento sindical, assassinato pela polícia de operários detidos, mais deportações, agora para a Guiné e sempre sem julgamento, de militantes sindicais de mistura com presos de delito comum. Manifestações e greves de protesto, protesto de deputados e da Liga de Direitos do Homem culminam na demissão do governo a 27 de Junho. Curto governo de António Maria da Silva que cai a 17 de Julho. A 19 sublevação de Mendes Cabeçadas, que é derrotada. A 1 de Agosto toma posse o governo de Domingos Pereira (partido democrático).

A alma da flor¹

Encontrar uma mulher que se explique criteriosamente sobre um assunto invulgar, é coisa mui rara. E mais raro ainda é encontrar uma mulher que se preocupe com as grandes ideias que estão fora do seu âmbito e pelas quais se degladiam os homens do nosso século.

Contudo, há dias, encontrei uma dessas raras mulheres. Foi num salão elegante, num desses salões em que todos supõem ver nos bolsos dos homens que pensam como eu, bombas de dinamite...

A minha interlocutora era lida, inteligente e gentil. Isto, porém, não a inibia de cair perante mim, durante alguns momentos, na banalidade. Era preciso iniciar um assunto – e são os assuntos banais os preferidos dos salões elegantes...

E ela falou-me de flores, das flores em geral, dessas que desabrocham timidamente suas corolas nestes dias assassinos de verão, e em particular daquelas rosas que feneciam ali, no vaso precioso – turíbulo donde se ia exalando um denso perfume.

- Eu amo enternecidamente as flores.
- Você?
- E porquê esse espanto? É romântico? Decadente?
- Não, não...
- Então?
- Não compreendo muito bem que os «avançados» possam amar estas coisas...
- E, porquê, se temos também o culto do belo?
- Oh, Ferreira de Castro! Não me queira convencer V. de que o povo compreende a alma duma flor!
- E porque não? Mas admitamos que nem todo o povo compreende a alma subtil duma rosa... Não é justo, não é necessário que lha façamos compreender?

- V. já viu uma rosa numa alfurja?
- Já. Tenho-as visto em toda a parte. Sobre mulheres inteiramente nuas e sobre virgens mortas... Tenho aspirado seu aroma em palácios e lupanares...
- E parece-lhe...
- Parece-me que não é o mistério das rosas que se deve conservar, mas sim as alfurjas que devem desaparecer...
- Eu não creio no bom gosto dos «avançados»... Veja V. a Rússia... Após a revolução, a primeira coisa que o povo fez foi assaltar e destruir os palácios que guardavam preciosidades artísticas...
- Não eram essas preciosidades que o povo destruía, mas sim a opulência que esses palácios encerravam e que constituiria durante muitos séculos uma afronta à miséria do povo. Foi essa afronta que o povo vingou, embora com um acto de vandalismo...
- Você decerto não o faria?
- Não. Se tivesse de vingar-me, procuraria o coração afrontoso... Mas a culpa não é do povo; é de quem o deixou através dos tempos mergulhado nas trevas, roubando-lhe todo o conforto material e intelectual. V. não admite que se seu jardineiro tivesse a instrução de seu irmão, podia ser mais inteligente que este? Isto é uma hipótese, é claro...
- Não me zango...
- Nem se deve zangar. V. já reparou como os nossos jardins e os nossos arredores, todo o lugar, enfim, onde haja uma flor ou uma árvore, são escolhidos pelo povo para passar o domingo?
- Para beber, quererá dizer Você?
- O álcool foi a única coisa, minha senhora, que não proibiram ao povo usar. O álcool ajudava a manter a escravidão, a passividade... V. deve bendizer o álcool...
- Eu? O Ferreira de Castro é injusto...
- Irreverente, quer a senhora dizer...
- Seja! Mas eu não posso compreender a beleza sob uma blusa de ganga...

- Oh, minha senhora! Foi com a blusa de ganga que os burgueses venceram a aristocracia. Nesse tempo o sacrificado de hoje chamava-se plebeu... Todavia V. afirma que os descendentes dos plebeus desse tempo conhecem muito bem onde se oculta a beleza da vida... Ou não? Todavia eu não defendo o triunfo do povo; eu combato o triunfo de qualquer classe. O que eu defendo é o triunfo da humanidade, a sua emancipação, a sua igualdade perante os sacrifícios e regalias da vida. Isto parece-me que não é ser feroz, nem inimigo da Beleza...
- Isso é ser ingênuo...
- Mas ser ingênuo, minha amiga - dá-me licença que a trate assim? - é uma grande virtude. Nós devemos amar a ingenuidade, porque nela reside a pureza. Sempre que alguém me engana, eu fico muito satisfeito comigo próprio... Verifico que sou mais puro do que aquele que me enganou.
- Com V. não se pode discutir...
- Pode! Veja lá se sou capaz de dizer que V. é feia... Veja se consegue convencer-me a negar a sua beleza...

Este madrigal teve o condão de levar minha gentil interlocutora a dar ao diálogo um novo rumo. Ela era solteira e sabia que eu sou adversário do casamento...

1 - Ferreira de Castro declara-se adversário do casamento, isto é, por outras palavras, partidário do amor livre.

A derrocada¹

Aquela força que se afirmava a única instituição disciplinada, que se dizia muda sobre política, muda, austeramente muda, como os seus canhões em tempo de paz; aquela força que elegera a farda como um elemento de isenção e que considerava as almas libertárias, as almas rebeldes, como elementos funestos, atribuindo-lhes desejos de vandalismo e deturpando seus anseios emancipadores, está agora debatendo-se num improvisado tribunal...

Fazem-se as mais graves acusações...

Os pilares da instituição vão tombando uns sobre os outros, na ânsia de se destruírem mutuamente... A disciplina é como uma lápide partida sob uma faísca vingadora...

A hierarquia tornou-se já um preconceito inútil para os próprios que a defendiam...

Sob os anátemas que cruzam o tribunal, a velha instituição, a «única disciplinada», rue sob golpes formidáveis, despedidos pela acha dum invisível Hércules moderno.

Os acusados erguem-se de seu banco, como duma tumba, e transformam-se em acusadores...

É o exemplo, o belo, o esperado exemplo. É a revelação. A disciplina era boa para... os outros. A obediência era ainda para os outros. E como a disciplina e a obediência, também a isenção, a hierarquia, a ordem, o respeito social...

Extraordinário paradoxo esse, que torna rebeldes aqueles que queriam algemar a própria rebeldia. Estranha ironia essa, tão contemporânea e tão digna do espírito moderno, que nos apresenta como coveiros da «única instituição disciplinada» aqueles que queriam levar essa instituição a um absoluto e asfíxiador predomínio.

Estamos num século glorioso, um século em que se desmorrna tudo aquilo que é contra os princípios de humanidade - e

a «disciplinada instituição» não podia escapar a essa derrocada, sobre a qual se há-de erguer um mundo novo.

E chegam assim a ser simpáticos esses adversários que destroem, num assomo de rebeldia, seus próprios elementos...

Ideologia

A humanidade contemporânea necessita de muitos famintos, de muitos miseráveis. Só na alma destes pode viver, rubra, mui rubra, a revolta emancipadora. E por isso a sociedade, aumentando o cortejo dos espoliados, vai aumentando também, em altura e em resistência, a guilhotina que a há-de decapitar. Fico triste sempre que sei que alguma pessoa amiga está de bem com a vida...

Se os nossos adversários ressuscitassem sob o sol dum século vindouro, na lividez de seu rosto e no assombro de seu olhar, teríamos uma hora de vingança, por cada argumento agora perdido.

1 - A 1 de Setembro iniciou-se, na Sala do Risco, o julgamento dos chefes militares da insurreição de 18 de Abril que viriam a ser absolvidos pelo Tribunal Militar. O promotor de justiça, general Óscar Carmona parece haver sido apoiante do golpe e viria a participar com os mesmos intuítos no de 28 de Maio do ano imediato, O julgamento da Sala do Risco merecerá um artigo de fundo de Ferreira de Castro no n.º 97 do Suplemento. Mereceu outro da redacção em termos similares, no n.º 94.

As hostes de Abd-el-Krim¹

Chamam-lhes bárbaras...

E é em nome dessa barbaridade que os espanhóis cometem para com elas todas as atrocidades...

«Para se fazer a grande guerra, foi preciso afirmar que era aquela a última guerra» – diz Marinetti em sua «Democracia Futurista».

Os militares espanhóis, para levantar a moral do povo espanhol, para justificar seus sucessivos fracassos, afirmam que é necessário combater a barbaridade dos rifenhos...

E parecem fazer desses barbarismos o único motivo de sua luta vã...

E parece que se deixam morrer sob o cutelo do inimigo, apenas para apresentarem este como bárbaro ao mundo civilizado...

Doce e ingênuo argumento, que faria sorrir se não fizesse revoltar...

Concordo que os rifenhos têm sido bárbaros. Concordo com esse novo mote lançado pelos militares espanhóis e glosado pelos seus jornais...

Mas bárbaros são esses militares espanhóis que se empenham em estrangular esse grito de emancipação que se ergue em Marrocos, para ecoar em todo o Mundo. Bárbaros são esses espanhóis, que afrontam a própria Espanha e seu povo, trucidando os rifenhos, simplesmente porque estes pedem liberdade...

Bárbaros são esses espanhóis que desencadearam a barbárie dos rifenhos. Estes são bárbaros defendendo-se contra a própria barbaridade... Aqueles combatem os rifenhos porque não puderam estabelecer entre eles, definitivamente, uma barbaridade absoluta.

Uns são obrigados a ser bárbaros, outros são bárbaros voluntariamente...

Uns são bárbaros por uma causa nobre, outros bárbaros são por uma causa infamante. Uns pela liberdade, outros pela escravidão.

Temos de fechar o coração a todos os sentimentos de piedade. E temos de combater apenas aos militares espanhóis, que são fomentadores de toda a barbárie que agora os atinge, que agora lhes é devolvida.

Quem defende a guerra? Quem diz que as guerras são necessárias à humanidade, à própria vida? Os homens cerebrais, os sábios, os filósofos, os grandes pensadores? Não. São precisamente aqueles que se alugaram a uma farda, aqueles que elegeram como destino da sua vida um canhão e uma libré...

Temos, pois, de cancelar como necessárias as barbaridades dos rifenhos. Elas, por maiores que sejam, nunca ultrapassarão as que os espanhóis lá têm cometido

A lápide quebrada²

E os franceses?

Porque se quebrou essa lápide onde a Liberdade havia gravado as datas de suas melhores conquistas e que a França guardava tão ciosamente?

Porque pactuou a França com os espanhóis, a França que apresenta em seus dicionários a Hernan Cortez como a um bandido remoto, cujos «serviços» prestados às ciências geográficas não bastam para justificar suas atrocidades.

Que nova França é essa que esquece suas afirmações de 1914 a 1918, quando dizia que a grande guerra só se realizava para que triunfasse o Direito, a Justiça e a Liberdade?

Que nova França é essa que, dez anos depois, olvida o passado de que se diz orgulhosa, para vir defender a Iniquidade, a Injustiça e a Escravidão?

Ante esta metamorfose, a figura de Abd-el-Krim chega a atingir um sentido epopeico e só não merece as páginas da História porque a História desde há muito está desonrada, porque a História é indigna dele...

1 - Ferreira de Castro assume a defesa da rebelião marroquina noutras edições do Suplemento, embora não nesta coluna. Estão neste caso «A campanha de Marrocos», no n.º 42, e «Marrocos voltará a lutar pela sua independência», no n.º 134. O tema será igualmente objecto de artigos de outros colaboradores do jornal, sempre com idêntico posicionamento, tais como A. Remédios Betten-court em «A campanha de Marrocos», no n.º 17, ou do Repórter X (Reinaldo Ferreira) em «Episódios inéditos da vida de Abd-el-Krim», no n.º 137, e ainda de diversas ilustrações de Stuart Carvalhais. Além de uma elucidativa série de artigos sobre Marrocos e o seu povo.

2 - Decepção resultante de uma visão idealizada da França, muito comum na opinião liberal portuguesa, e que o seu comportamento na Europa e, sobretudo, nas colónias de modo algum justifica. Chomsky disse algures que não tem conhecimento de qualquer potência dominante, ao longo da História, que se haja preocupado com direitos humanos.

O segredo da urna¹

Soam agora por toda a parte, uníssonas, as tubas eleitorais. Os pastores da política reúnem, com seus galgos, o grande rebanho de eleitores. E fazem promessas. Eu penso nessas mãos que atiram migalhas às galinhas, quando pretendem apanhar uma destas - e metê-la no fogão...

Aproxima-se a farsa periódica, na qual não acreditam nem os candidatos, nem seus paladinos. É muito raro que os actores sintam os lances dramáticos e as nuances sentimentais da peça que representam. Interpretam mas não sentem.

Sentir é uma virtude do espectador; deixar-se iludir é uma condição, já que não deve ser o destino, do público.

Só alguns eleitores podem acreditar nas palavras retóricas, nas promessas, órfãs de realidade futura, dos candidatos. Só alguns, porque a maioria vota por interesse. É, pois, a esses ingénuos que é necessários tresmalhar. É a esses que ainda votam por crença nos candidatos que se torna necessário indicar o novo caminho a seguir.

É possível que o voto fosse inventado com uma intenção nobre; hoje, porém, ele é exercido com uma intenção vil.

Uma urna, hoje, é um sepulcro do amor-próprio, um jazigo de claudicações.

Votar, hoje, é eleger a Corrupção; é dar à corrupção um sentido colectivo, já que não se lhe pode dar um sentido elevado.

A mão que hoje se aproxima de uma urna eleitoral é uma mão que prevarica e que se nivela ao despudor da política e ao seu cinismo triunfante.

O amo que hoje sai das urnas eleitorais é mais inferior do que o escravo que o elegeu. Todo o homem que aspira a ser livre, todo o homem que não pauta sua existência por vis interesses, deve furtar-se a eleger esse amo de opereta.

A sociedade só alcançará vida proba quando o último político, atraído pelas urnas, não possa encontrar já uma urna eleitoral, mas sim uma urna funerária...

1 - Comentário à última campanha eleitoral para o parlamento da Primeira República, onde, como libertário, exprime a sua descrença no sistema representativo. Uma descrença compartilhada por muitos não libertários face à instabilidade política, aos frequentes pronunciamentos militares, mesquinhas que-relas partidárias, atropelos aos direitos humanos, demagogia, caos económico e miséria crescente. Descrença que se veio a traduzir por elevadíssima abstenção na votação de 8 de Novembro de 1925 (cerca de 86% a nível nacional e 88% em Lisboa). Teixeira Gomes empossou como primeiro ministro António Maria da Silva, líder do partido mais votado (partido democrático) e exonerou-se pouco depois.

Campo de Lombroso¹

Um «mantenedor da ordem» assassina a amante a tiros de pistola...

Um «mantenedor da ordem» esquarteja a amante e deita-a ao rio...

Um «mantenedor da ordem», embriagado, saca duma pistola e dispara-a sobre transeuntes indefesos, no Poço do Borratém...

Um «mantenedor da ordem» rouba e é-lhe, por isso, instaurada uma sindicância que nunca termina...

Isto dizem os jornais todos os dias. A última é esta:

«Um mantenedor da ordem prende e espanca brutalmente, em Campolide, um rapazito privado do uso da razão.»...

À minha sensibilidade repugna enumerar as várias façanhas dos «mantenedores da ordem». São eles que fomentam as vinganças inúteis; são eles, com sua brutalidade, que armam o braço que os abate, esse braço que por culpa deles se torna criminoso, esse braço que talvez houvesse nascido para destino mais humano e útil.

São eles que fomentam os ódios. Em Portugal a maior parte das desordens são fomentadas pelos mantenedores da ordem...

Que um leitor paciente se encarregue de contar durante um ano os crimes que eles cometeram e que vêm noticiados nos próprios jornais burgueses...

Esse leitor constatará que uma grande percentagem dos crimes cometidos, em Lisboa, são cometidos pelos «mantenedores da ordem».

Em Portugal, Lombroso teria encontrado um vasto campo para as suas observações...

Os falsificadores de vocábulos²

Agora, ante o segredo das urnas, eles intitulam-se «os homens que representam o trabalho nacional...»

Era necessário que o trabalho, o verdadeiro, o legítimo trabalho, se houvesse transformado em espoliação, em elemento de mercantilismo e ganância, para que aquela nova designação correspondesse a uma verdade.

Mas não. O trabalho continua a ser o que era.

Eles é que mais uma vez tentaram falsificar os vocábulos, modificando-lhes o sentido e antepondo-se aos filólogos e aos dicionários...

Ideologia

Só há dois extremos – a Vida e a Morte. Se a primeira é vil para muitos, a segunda é para a maioria o assombro, o estarrecimento. E existem, todavia, os que odeiam uma e outra. Daí, para alguns, a ânsia de criar um terceiro extremo – um terceiro mundo, uma nova sensibilidade, uma vida inédita.

Essa ânsia, nos séculos passados, criou deuses, fecundou religiões, inventou o Além.

Mas, como a Vida, como a Morte, este terceiro extremo era ainda uma espada, um grilhão, um cativo. Triplicava a escravidão do homem. Era mais odioso que a própria morte, mais doloroso que a própria vida.

Então o homem pensou em aperfeiçoar a Vida, contra os que a envileciam. E dentro da vida de cada homem se enquadrou com sua dor e seu sonho.

Vão ruindo Himalaias e descerrando suas fauces novos Vesúvios. E criaram-se também os estados agudos da sensibilidade, estados não delimitados nas almas pretéritas. É a angústia incompreensível, tormentosa, paradoxal e labiríntica duns

braços que quisessem distender-se por todo o universo para amarfanhar algo como uma esponja. É a hora em que sentimos o enigmático desejo de nos fundirmos numa banheira cheia de espuma. Hora inexplicável de sufocação em que nos seria grato irritar os nervos, acariciando tapeçarias, para adormecer depois, esquecendo-nos de tudo, entre ondas de algodão em rama - ondas longínquas, mui longínquas...

1 - A deficiente formação cívica das forças de segurança aliada à relativa impunidade de que gozavam (tolerância ou mesmo incentivo das chefias e governantes) davam azo a detenções arbitrarias, espancamentos, assassinatos de detidos nas esquadras ou em trânsito, deportações sem julgamento, assaltos a sedes sindicais ou de jornais, etc.. A curta duração dos ministérios incrementava um clima de irresponsabilidade propícia a todas as arbitrariedades. Sem esquecer ainda os agentes pagos pelo patronato, grupos armados a soldo de partidos e embriões de polícias políticas vinculadas partidariamente, como a «Formiga Branca» de Afonso Costa ou os «Lacraus» de Sidónio Pais.

2 - Nova crítica aos políticos em campanha eleitoral, às suas falácias e demagogia.

Os cómicos anónimos

Edmundo de Oliveira publicou há dias uma crónica mui interessante sobre cómicos ambulantes, sobre cómicos anónimos, que uma tarde ergueram suas tendas nas areias ainda não mundanizadas da praia de Santa Cruz.

Eu tenho por toda a alma peregrina, por toda a alma errante, uma funda simpatia, um denso carinho.

E quedo-me muitas vezes a pensar no segredo dessas existências que se arrastam através do mundo, à conquista dum pedaço de pão e dum pedaço de tecto sempre diferente.

E esses cómicos, então, que Edmundo de Oliveira focou, têm-me impressionado muitas vezes ao longo de minha vida.

São sombras que se agigantam através da lente, já embaçada pela saudade, com que vejo minha infância.

Via-os palmilhar o pó branco da estrada sob um sol estival; outras vezes encanastrados numa carripa desengonçada, que um cavalo espectral arrastava; e logo, na feira seguinte, via-os empenhados em fazer rir uma multidão alarve, com meios que hoje me parecem esgares de tragédia.

Eu admirava-os, respeitava-os e supunha-os grandes senhores – grandes por virem de mui longe, por trazerem sobre os seus trapos o prestígio da distância. Então, para mim, eles eram da mesma família dos ciganos e também desses homens que faziam dançar ursos e macacos e que um dia descansavam num dos mais ínvios caminhos da aldeia em que nasci. E muitas vezes idealizei ser raptado por eles, e com eles ir de terra em terra, vendo sempre novas árvores e coberto sempre com o pó do caminho.

Não parar nunca, trilhar todas as veredas da vida, ver o dorso de todas as montanhas, atravessar as pontes de todos os rios, vislumbrar os telhados de todas as cidades – eis meu grande sonho infantil, eis meu sonho de sempre, eis o destino

desses cómicos ambulantes que levam consigo a dor, que passem a dor através de todos os povoados e que ante as multidões ingénuas sabem embrulhar sua tragédia nas vestes pardas da farsa.

Que simpatia funda eles me merecem com seu sofrimento errante, neste momento em que cada detentor da liberdade, em que cada legislador das regalias públicas, em que cada orientador dos destinos colectivos, não são mais do que cómicos indignos – indignos porque não têm tragédia e nem sequer um sonho errante.

A única atitude lógica¹

Logo que sob um céu negro demandou a barra esse barco que levava, para a terra do exílio, os últimos deportados, os detentores do poder e seus lacaios debruçavam-se à janela das colunas dos jornais burgueses e gritavam ao país:

Não mais haverá agitação em Lisboa! Não mais a ordem será perturbada! Os discólos, os criminosos, os legionários, todos esses espectros que alucinavam o tranquilo sono da burguesia, foram para o degredo.

Não os lastimeis! Portugal ficou agora depurado. Portugal vai ser agora um éden, um mar bonançoso onde podem navegar sem perigo todos os piratas da Finança, todos os espoliadores do suor humano. Em breve os degredados morrerão um a um sob a agrura do clima do exílio – e então o pesadelo terá passado completamente e o comércio e a indústria e a política podem tripudiar sem temor.

E ante os protestos de todos os homens que amam a liberdade, esses miseráveis afrontadores da própria democracia, de que se dizem escravos, gritaram ainda:

Vereis se o nosso gesto não vai reconduzir Portugal ao caminho perdido da tranquilidade! Não mais haverá motins em Lisboa, não mais haverá bombas e mortes e até as espadas e as pistolas dos nossos lacaios poderão descansar por muito tempo. Aguardai o fruto da nossa decisão e vereis que as portas do degredo, que abrimos violentamente, têm para o país um profundo sentido de ordem e trabalho.

E no próprio Parlamento, os negros coveiros da Liberdade ousaram impudicamente afirmar que o país ia entrar em paz, pois desta os únicos perturbadores eram os desgraçados que marchavam para a proscrição, apenas por serem suspeitos à polícia.

E as «forças vivas», os conservadores, os espoliadores, os traficantes, todos aqueles em homenagem a quem se cometeu a vil crueldade, rejubilaram e fingiram acreditar nas palavras desses políticos miseráveis, que eles subornam e manejam como fantoches.

Mas não se passaram três meses sem que a agitação, o tumulto e os protestos volvessem às ruas de Lisboa. E não são vinte nem trinta os que protestam, os que fazem ruído, os que alteram a ordem. Agora são aos milhares – agora é toda a parte sã do país, são todos os que trabalham, todos os que são espoliados, todos os que não pactuam com a venalidade e a corrupção.

Por coerência, o poder agora devia deportar a todos estes novos perturbadores da digestão burguesa – isto é, deportar a todo o país, deixando apenas cá os traficantes, para que se debrassem mutuamente...

Assim é que era lógico...

1 – Reflexão sobre as deportações de suspeitos e de militantes incômodos rotulados de suspeitos – deportações que não impediram, antes provocaram, novas manifestações e greves de protesto. Ferreira de Castro voltará a este tema com o artigo «As deportações como afronta à nossa época e à nossa mentalidade», no n.º 110 do Suplemento.

A causa negra¹

O artigo que aqui escrevi sobre os delegados do Partido Africano à conferência de Genebra, foi um artigo profético.

Todos os dias os jornais me dão notícias da acção nefasta desses delegados. Nefasta para a causa negra, de que eles se dizem representantes e cujos mais elevados interesses acabam de repudiar, fraternizando com os governos e fazendo o jogo do branco português, rico, bárbaro e espoliador.

O papel desses negros, cuja vaidade e interesses políticos os levaram a afirmar que os seus irmãos vivem felizes na África, que não são martirizados, que não são explorados, iguala-se ao dos próprios espoliadores.

Vejo com tristeza essa acção dos delegados do Partido Africano. Vejo com tristeza e revolta os destinos da raça mártir, chicoteada, massacrada, entregues a individuos que se olvidam dessa grande austeridade moral de que carecem todos os libertadores.

Com o pretexto de combater os inimigos de Portugal, os negros que foram a Genebra estão defendendo os interesses dos inimigos da sua raça.

Os peregrinos²

Milhares de peregrinos trilham agora o pó das estradas, em demanda da ficção, que a fé criou, anesthesiando todo o sentido de análise, toda a compreensão da verdade.

E Fátima, a nova *blague* da igreja, surge-lhes aureolada de poder milagroso, sob a serenidade diáfana dum céu completamente alheio à dor humana.

Não me surpreende esse triste cortejo de fanáticos; não me surpreende porque conheço a fragilidade das almas que sofrem

- e sei que esse sofrimento tem sido aproveitado para as farsas religiosas por todos os legionários do obscurantismo.

Fátima...

Nada há de mais parecido com uma mágica, do que um milagre...

O livro de Archinoff³

A empresa «Spartacus» acaba de publicar um livro mui curioso: «A História do Movimento Macnovista», por Archinoff.

Este volume, que tantos elementos de elucidação traz sobre a Rússia dos últimos anos e que tantos mistérios desvenda, indica-nos que a Liberdade não desfraldou ainda, duradouramente, nenhum dos seus estandartes sobre a terra.

Depois de lermos o livro de Archinoff, sentimos um certo cepticismo sobre os homens, mas também sentimos uma mais densa rebeldia, um mais denso desejo de libertação.

1 - Refere-se ao artigo «Uma atitude do partido africano. Portugal anti escravista?» Publicado em 1.ª página do n.º 92 do Suplemento.

2 - Depois da crítica a Lourdes, aos seus milagres e aos seus peregrinos surge agora idêntico comentário tendo como alvo Fátima.

3 - A editora do seu amigo João Campos Lima publicou o livro de P. Archinoff, companheiro de Nestor Macno e combatente da coluna anarquista por ele comandada. Dava assim a conhecer entre nós a revolução russa, não do ponto de vista oficial, burguês ou soviético, mas na perspectiva dos libertários que de boa fé lutaram ao lado dos bolcheviques contra os exércitos brancos para, uma vez consumada a vitória, se transformarem de imediato no inimigo a abater pelo governo e exército vermelhos.

A justiça popular

Essa multidão que passou dois dias indignada com a vitória, no último momento obtida, por um oficial do exército, numa corrida hípica, demonstrou exuberantemente o sentimento de justiça que palpita na alma popular.

É certo que as multidões ainda criam ídolos, vibram ainda sob empresas que lhes pareçam esforçadas e heróicas – mas é certo também que a ideia de justiça vive nelas instintivamente.

Triste vitória a desse cavaleiro que, entre uma multidão que aguardava ao vencedor, só veio encontrar sorrisos desdenhosos e silêncios duma eloquência terrível! Tristes e lamentáveis vitórias essas que, não sendo julgadas como justas, não recebem a chancela da alma popular!

Os bárbaros¹

Um outro feito triste e odioso foi esse que levou a estafarem-se, a esgotarem-se, barbaramente, cruelmente, indefesos animais.

Esses cavalos que foram sacrificados numa corrida sem utilidade pública alguma, que foram martirizados para se arrancar deles esse último esforço que a vida guarda para o momento da agonia, é que mereciam ser galardoados – se isso fosse recompensa bastante à sua isenção de vaidade...

Repugna aos espíritos justos essa odisseia a que se submetem os animais – odisseia que a vaidade humana foi prolongando com requintes de ferocidade.

Esse espectáculo degradante, bárbaro, afrontou a nossa própria época – e bem demonstrou que na corrida hípica, como nas touradas, «mais cavalos são os que vão em cima do que os que vão em baixo...»

Os conferencistas patriotas²

É assombrosa a série de conferências que se vêm fazendo sobre as colónias portuguesas.

Pacientes investigadores e fantasistas impenitentes, vão apresentando projectos de civilização e exploração da terra africana.

O exército é quem maior contingente de conferencistas dá à Sociedade de Geografia e muitos deles são precisamente aqueles que se serviram do cavalo-marinho para «civilizar» a raça negra.

Estranhos propagandistas do fomento africano esses que falam de patriotismo e de acção colonizadora, como se para eles estas duas coisas não fossem profundamente antagónicas!

1 - Comentário que aborda o tema do editorial deste mesmo número - uma corrida de cavalos que custou a vida por exaustão a alguns animais. Ferreira de Castro insurge-se contra o tratamento cruel infligido aos cavalos tal como já se insurgira contra as touradas no conto «A morte do touro», publicado no n.º 29 do Suplemento. A defesa dos direitos dos animais é de resto uma constante ao longo da vida de «A Batalha».

2 - Prossegue a sua luta contra o colonialismo e patrioteirismo portugueses.

As cinzas ...¹

Já chegou a quarta-feira de cinzas... das eleições. Agora, os que há um mês egoglaram o sufrágio «universal» e combatiam os defensores do abstencionismo, escrevem em grandes caracteres que tudo aquilo foi e é – uma farsa, um dever grotesco dos cidadãos...

Estranhos adversários estes que no momento da derrota reivindicam para si, as nossas afirmações! Todavia, se em vez de derrotados eles fossem triunfadores, se os assaltos às urnas fossem cometidos a seu favor, tudo aquilo seria lógico, legal, constituiria o dever máximo de todo o cidadão e as nossas afirmações continuariam a passar como calúnias ao «sufrágio universal»...

Não nos surpreende, porém, essa mudança de opinião – é assim que eles marcam sempre a justiça, a honra, a moral, as ideias e o ventre...

Rejuvenescer...²

A imprensa espanhola noticia que o dr. Cardenal, célebre médico madrileno, já recebeu dois cinocéfalos, com os quais vai fazer experiências das teorias do médico russo Voronoff.

Trata-se de conseguir que a espécie humana rejuvenesça, isto é, que um homem com sessenta anos, após ter sofrido um enxerto de glândulas de macaco, venha a ter o aspecto dum homem de trinta ou quarenta anos.

Almejo sinceramente que o dr. Cardenal tenha um grande êxito nas suas experiências e almejo também que o processo se estenda em breve a Portugal.

Nós temos velhos de mais. Velhos de 70, de 60, de 30, de 20 e até de 15 anos.

Aos primeiros era indispensável trazê-los à adolescência; aos segundos era útil fazê-los recolher de novo ao ventre materno, para ver se com o segundo nascimento traziam um espírito moderno...

1 - Comentário aos resultados eleitorais ou, mais propriamente às disputas entre vencedores e vencidos na pugna eleitoral de 8 de Novembro, numa perspectiva crítica da democracia parlamentar. Ver nota relativa a este tema no n.º 95 do Suplemento.

2 - Os regimes de Mussolini e Primo de Rivera suscitaram adesões entre os jovens. Esta não é a primeira crítica de Ferreira de Castro à mocidade reaccionária do seu tempo (ver n.os 5, 67 e 76 do Suplemento).

O bom teatro

Eduardo Frias tem escrito ultimamente alguns artigos, aos quais quero dar a minha mais fraternal solidariedade. Trata-se de criar um público para o bom teatro, um público que possa dar com a sua presença, aplaudindo ou reprovando, uma orientação à escolha dos futuros repertórios.

O teatro está mercantilizado de tal forma e o público encontra-se tão sugestionado e imbecilizado pelo melodrama inverossímil, que os dirigentes das várias companhias que para aí trabalham, não fazem outra coisa do que representar em seus palcos peças indignas da mentalidade, da ideologia e do sentido artístico da nossa época.

É necessário, pois, que oponhamos um açude ao teatro meramente industrial, a esse teatro escrito e representado apenas com fins mercenários, que anualmente se importa do estrangeiro. Como? Repudiando-o, deixando solitária a plateia. Do contrário, para o teatro cuja intenção não seja meramente mercantil, mas sim de arte, ideias elevadas, devemos dispensar a nossa simpatia, a nossa presença, o nosso aplauso.

Necessitamos exercer a dentro dos nossos recursos, uma campanha e fiscalização sobre o teatro, porque sendo este um belo instrumento de renovação artística e social, está hoje, com raríssimas excepções, desviado do seu valioso papel, está hoje entregue apenas a ambições materiais.

O crepúsculo dos ditadores¹

A imprensa mundial constata agora que as ditaduras europeias aproximam-se do seu poente. E até encontra elementos sociológicos para justificar a inviabilidade de qualquer ditadura na nossa época...

Estranha mudança de opinião, é essa! Porque não devemos esquecer que foi a mesma imprensa que até há pouco defendeu o princípio de que «o mundo só entraria na paz, sob o chicote de alguns ditadores».

Eu não dou importância alguma aos velhos ditados, às frases feitas. Mas há uma que neste caso se aplica à maravilha. Esta: – não há como o exemplo!

O exemplo de Mussolini...O exemplo de Rivera...

Tristes e sintomáticos exemplos para os reaccionários!

Tinha eu razão quando escrevia, há dois anos, que o triunfo do reaccionarismo, que Mussolini encarnava, eram bem essas falsas e fatídicas melhoras que os enfermos sentem antes de morrer...

1 – Na penúltima linha refere-se ao artigo «Legionários do passado. A geração nova ante os bonzos da tirania», publicado no n.º 5 do Suplemento.

A camionete sinistra¹

Assisti há dias a um espectáculo que me impressionou. E que deve ter impressionado a todos os que o viram e que têm uma alma bem formada.

Foi na rua do Loreto, pela tarde.

Súbito ouviu-se o ruído duma cavalgada – cavalos da Guarda republicana, ferindo as pedras.

Eram arremessados por aqueles que os montavam para uma marcha apressada – eram arremessados brutalmente, bestialmente, sobre os transeuntes desprevenidos, que fugiam apavorados.

Para onde ia a louca cavalgada?

Vi: ao centro levava uma camionete fechada, um presídio ambulante, a jaula que a justiça destinou aos homens que a sociedade levou a prevaricar ou que estão sob meras suspeitas da polícia.

Tudo aquilo era feroz: as bestas que escoltavam a camionete, as bestas que cavalgavam as bestas, o aspecto da camionete cinzenta – tudo...

Tudo, à excepção do transeunte espavorido e dos desgraçados que iam lá dentro, quem sabe se destinados a miseráveis suplícios. As feras que vêm de África, desembarcam em Lisboa e atravessam em suas jaulas as ruas da cidade com menos aparato e rodeadas de menos ferocidade do que aquela que tinham os indivíduos que escoltavam a sinistra camionete

Espectáculo indigno da nossa época e da nossa mentalidade era esse. Lá ia a cancelá-lo, gravado como um brasão na camionete, o escudo da República, a esfera armilar que os piratas de outrora, que hoje têm mármore consagrador nas praças públicas e nome de heróis na História, levavam, como símbolo de escravidão e rapinagem, a longínquos continentes.

Profissão vantajosa

Um jornal católico de Lisboa publicou este anúncio que aqui reproduzimos completamente de graça:

«Procura-se homem piedoso, solteiro ou viúvo para sacristão e criado de um pároco a três léguas de Coimbra; aceita-se ainda que não esteja prático nos serviços domésticos da Igreja.»

Como hoje são raros os indivíduos que se prestam a tal profissão e como nós não desejamos que o pároco que anuncia não possa dizer missa, vamos explicar aos nossos leitores as vantagens de tal emprego, na esperança que um deles aceite:

O sacristão comerá bem porque o padre come ainda melhor...

Não trabalhará, porque o padre, como é servo de Deus, ignora essa invenção do demónio, que é o trabalho...

Ganhará bastante dinheiro, porque as beatas são generosas e tanto faz que as esmolas sejam aplicadas em benefício dos santos, como do sacristão e do padre...

Pode não acreditar em Deus nem nos santos, porque estes não ligam importância a tão pequenas ninharias...

Pode também não ser casado nem amancebado, porque o padre tem geralmente uma mulher e onde come um, comem dois...

Com tantas vantagens, estamos certos de que todos os nossos leitores irão disputar a preciosa profissão...

1 - O acervo repressivo que caracteriza o regime prisional é, por isso mesmo, impeditivo da reabilitação de indivíduos que são, por sua vez, produto duma sociedade defeituosa (ver n.º 73 do Suplemento).

«Diamantes negros»

Este livro de poemas, agora editado, vem recordar o nome de Eduardo Metzner, um nome que teve a sua auréola, mas ao qual em breve o olvido atingiu.

É louvável que se tenha tentado roubar à morte o espírito de Metzner, que era digno de nome não efêmero.

É provável que Eduardo Metzner tivesse errado, tivesse até claudicado. Uma sociedade composta como esta em que vivemos, obriga até alguns espíritos cheios de elevação a miseráveis transigências. Mas tudo isso, que é do homem e produto dos homens, com o homem desce à sepultura.

Há perante certas mortes um silêncio humilde que é mais nobre do que as grandes atitudes de heroísmo...

Se Metzner se desviou algum dia das sendas bem iluminadas, caro, bem caro pagou esses passos hesitantes... Sua vida foi uma grande tragédia, sua fronte foi sempre osculada pelo sofrimento. Conheci-o alguns meses antes de se lhe ter aberto o coval, conheci-o quando sob a sua epiderme se viam já as linhas dos ossos. Então, como todos os que sofrem muito e irremediavelmente, a sua maior preocupação era mostrar que não sofria... Com os «diamantes negros» ele vem ocupar agora nas nossas letras um lugar ao lado do «Fel», de José Duro.

Nada lhe falta para isso – nem dor profunda, nem mesmo esse drama individual do artista, que tantas vezes torna duradoura e amada uma obra predestinada pelo seu valor a ser efêmera.

Além disso tem o livro póstumo de Metzner alguns versos de grande mérito artístico e de intensa pujança revolucionária. Outros ainda são pautados por uma sinceridade que comove. Muitos dos «Diamantes negros» são bem vermelhos e não devem ser apenas o acorde duma lira que se incendiou e extinguiu em cinzas, mas sim uma chama que crepita por muito tempo, por muito tempo...

Embora eu não concorde com algumas alusões que no prefácio dos «Diamantes negros» faz Bourbon e Menezes, é-me todavia muito simpática a iniciativa deste escritor e jornalista, coligindo e fazendo editar os versos de Eduardo Metzner.

Leituras galantes

Nunca me foram gratas, nem mesmo no princípio da minha adolescência, essas leituras equívocas, situadas entre o galante e o pornográfico, leituras estimulantes para ereções. Faço uma alta ideia da palavra escrita para entendê-la como excitante para sensualidades solitárias ou coitos difíceis.

A arte deve ser livre, não deve hesitar ante nenhum preconceito, deve ir à verdade e descrevê-la, sondá-la, revelá-la. A arte – já está mui dito – não deve ter nem pudor, nem impudor, nem tão pouco moral, a arte deve ser absolutamente amoral. Daí à pornografia intencional, vai, porém, uma grande distância, isto é, a própria negação da arte. Os folhetos pornográficos não são feitos com sentido artístico, com um sentido de verdade, mas sim com uma preocupação mercenária.

E por isso nunca os leio. À cabeceira do meu leito estão sempre, para as horas altas da noite e para o estado de espírito de cada hora, livros de versos, livros de maquinação e livros de ciência. Nunca está, porém, uma dessas revistas galantes, que os franceses exportam e que são amadas até por espíritos muito elevados... Não interessam a minha sensibilidade. Isso, porém, não me impede de achar ridículo, supremamente ridículo, o gesto do governador civil, armando-se em sacristão, em paladino de beatas provincianas, e mandando apreender publicações como «Le Sourire» e «Vie Parisienne».

Estas revistas circulando em todos os países, fazem parte da civilização e só num país de selvagens, de devassos de alcova e moralistas de rua, é possível tal apreensão.

Na «Vie Parisienne», Paulo Bourget, o católico, o conservador, o burguesíssimo Bourget, tem publicado alguns desses livros

que olhos cristãos, acostumados a contemplarem demoradamente todos os santos dos altares, lêem com avidez, como se fossem evangelhos de moral... Em Portugal consentem-se, em nome da aviltante moral burguesa e católica, actos tão extraordinários, que depois deles nós ficamos esperando que venha um decreto que obrigue a população a ir a qualquer posto da sanidade pública amputar os órgãos genitais do homem e a deitar cimento no sexo feminino...

Os homens de bem¹

Ouro! Ouro! É só esta palavra que se ouve, é só ela que, numa estranha elasticidade, vai tecendo esse rocambolesco romance que os jornais trazem a público com muitos personagens e cenas imprevistas.

O ouro! O ouro! Verme a corroer, a penetrar bem fundo as almas dos traficantes, deixando nelas o sulco de fogo da ambição.

Ouro, mais ouro, sempre mais ouro – porque de ouro se pode fazer o bergantim que há-de cruzar com os piratas o oceano de lama que avança sobre a terra, em ondas altas...

Não importam os meios, o que importa é o ouro. Muito azinhavrados andavam e andam os lábios desses homens que atropelam a população com os seus automóveis, que contemplam desdenhosamente o povo desde mui elevados e monumentais palacetes.

E agora que as máscaras caíram, agora que as reputações tombaram como ídolos de pó, verifica-se que os grandes «homens de bem» desde há muito estavam sob o código que eles próprios inventaram.

São os claudicantes, os venais, os corruptores, os falsários!

Não há mais palavras – já nenhum vocábulo é suficiente para os classificar.

Só uma palavra nos ocorre aos lábios, só uma salta do tinheiro e vem dependurar-se na pena: Fogo! Fogo!

Depois das chamas terem devorado tudo e as cinzas – ah! que delas podia renascer o númen corruptor! – serem sepultadas em qualquer mar profundo, depois da terra se encontrar bem limpa, devíamos lançar a semente nova.

Porque ante o romance que os jornais agora editam, nós constatamos que são necessárias muitas traficâncias, muitas pulhices, para se chegar a ser homem de bem... com cotação na praça.

O carrasco da Liberdade²

A morte apertou enfim, entre a sua mão descarnada e fulminadora, a víscera que regulava a vida do sinistro Maura.

E digo «víscera», porque não quero desonrar o coração com a hipótese de que Maura também tinha um...

Maura caiu, enfim, fulminado pela morte, ele que se empenhava em fulminar tudo que de nobre existia na vida.

Quis fulminar a mentalidade moderna, pactuando com a Igreja, mandando fuzilar a Ferrer.

Quis fulminar a Liberdade, quis fulminar as bocas que pediam pão, os braços que desejavam emancipar-se, ordenando a «semana sangrenta de Barcelona».

Para ele os homens deviam ser um rebanho submisso, escravos sem Spartacus.

E afinal as ideias de Ferrer triunfaram, o seu nome é um grande padrão da humanidade e o anseio de Libertação continua a fazer vibrar as almas, profundamente.

Só Maura foi verdadeiramente fulminado, porque não deixa de si senão ódios e maldições – e seu nome não pode ser amnistiado do nosso repúdio, nem mesmo depois de morto.

Mesmo ao seu lívido espectro a nossa acha deve ferir, implacavelmente.

1 - Este texto refere-se ao célebre caso Alves dos Reis, do Banco Angola e Metrópole, desenvolvido noutros artigos do mesmo número do Suplemento. Caso que ocupava então toda a imprensa.

2 - Miguel Maura, chefe do partido conservador e primeiro ministro de Espanha, foi o principal responsável pela execução de Ferrer y Guardia, falsamente inculpado dos acontecimentos da Semana Trágica de Barcelona, em 1909.

Mudança de critério¹

Os jornais italianos trazem grandes estatísticas referentes ao actual comércio entre a Rússia e os outros países da Europa.

A Inglaterra importou tantos milhões de rublos e exportou tantos milhões de libras.

A Itália importou duas vezes mais do que exportou...

A França... etc.

Eu quase nunca leio aquilo que é expresso em cifras, mas esta estatística sobre a exportação russa, interessou-me deveras.

E fez-me sorrir ironicamente – e também tristemente...

É que estes grandes países, estes «patrióticos e nobres países», que agora são tão expeditos em abastecer a Rússia com os seus artigos e em importar da Rússia os artigos que ela produz, são os mesmos que há meia dúzia de anos bloquearam a Rússia, fomentando a fome – imergindo-a em horas de horror e de tragédia.

São os mesmos países que se negaram a salvar os famintos russos e que até se deliciaram ouvindo seus gritos desesperados.

Mas então a Rússia não oferecia campo aberto aos interesses dos financeiros internacionais, como hoje já oferece. E esse interesse é a única coisa que «comove» os homens de negócios – os grandes patriotas europeus...

A vingança do negro²

Com este título e com grandes adjectivos de indignação, os jornais referem o seguinte episódio ocorrido recentemente em África:

«Um dos sócios da firma Granado daquela localidade, o sr. J. Abreu, na ocasião em que pagava as férias aos trabalhadores negros, verificou que um deles que tinha faltado ao trabalho toda a semana, se apressava a receber o salário que lhe não era

devido. Procurou reaver a importância que o trabalhador recebera e, como ele se recusasse a entregar-lha, tirou-lhe da mão o dinheiro, castigando o negro.

Pouco depois, encontrando-se o sr. Abreu no escritório da casa Granado juntamente com os srs. Rocha Santos e Vieira, o trabalhador em questão surgiu armado com uma faca indígena, agredindo violentamente aqueles senhores que, colhidos de surpresa, não se puderam defender».

Eu estou a ver a cena: – estou vendo o branco, o branco que pagava, o branco generoso, o branco civilizado, a infligir ao preto castigos que assombrariam a própria Inquisição.

E tudo por alguns escudos. Por alguns miseráveis escudos. Pouco mais do que uma dezena – que é quanto um negro ganha semanalmente em África, quando ganha...

Em África é assim. O branco civilizado, o português «amante da família», que espera ser benemérito na sua aldeia, mandando construir um chafariz, tal como o brasileiro de torna-viagem, castiga, mata, fuzila os pretos, com a indiferença com que nós fumamos um cigarro...

Eu não defendo o sentimento arcaico de vingança, mas compreendo muito bem a vingança desse negro que foi castigado por motivo tão mesquinho.

E quem sabe se de facto ele quis receber uma fêria que não lhe estava marcada? Porque é também costume do branco generoso, roubar o dinheiro do negro, sob o pretexto de que este o roubou...

Contudo devo esclarecer para tranquilidade das «almas sensíveis» dos brancos que têm relações com a África, que os ferimentos produzidos pela faca do negro, foram muito mais leves do que aqueles que lhe infligiu o indivíduo que o castigou...

1 – Goradas as tentativas económicas e militares para derrubar o regime soviético, os países ocidentais apressaram-se a reconhecê-lo a fim de restabelecer lucrativas relações comerciais. (ver também «Tarde falaram», n.º 70 do Suplemento).

2 – Este comentário a notícia da imprensa «burguesa» visa demolir a hipócrita versão patronal de um conflito de trabalho, pondo a nu a cruzeza dos factos e a verdadeira face do colonialismo português.

A morte do "boxeur"¹

Nos funerais do "boxeur" Siki, assassinado há dias em New York, o padre Clayton Power disse:

«A nossa civilização é responsável pelo fim prematuro deste desgraçado héracles da selva, que veio até nós, selvagem e incapaz de dirigir-se por si próprio, e nós nada fizemos para guiá-lo pelo caminho recto». Como o «caminho recto» do padre Clayton não é o caminho de deus, que é de todos os caminhos o mais ínvio e inverosímil que existe, mas sim o caminho do humanitarismo, pela primeira vez constato uma verdade saída dos lábios dum sacerdote...

Simplemmente não é à civilização que se deve atribuir a morte de Siki e o entusiasmo que a sua bárbara profissão desperta hoje em todos os grandes centros. É aos falsos civilizados, aqueles a quem a civilização serve apenas para disfarce de sua selvageria.

O "box" não chega a ser um "sport", no sentido de utilidade física que esta palavra pode ter. O "box" é um divertimento de selvagens, que só persiste da parte dos "boxeurs" por interesses mercenários e risíveis vaidades de glória, e da parte dos espectadores por instintos ferozes ainda não eliminados pela civilização.

O "box" iguala os seus adeptos aqueles ferozes individuos que assistiam, delirantes de entusiasmo, nos circos romanos, à luta de homens com feras - ao festim das feras, quando vençiam o homem.

Há pouco tempo ainda, em Portugal, também um pobre negro foi vítima do bárbaro divertimento.

Eu estive alguns anos na selva virgem - e confesso que os homens lá, apesar de proscritos da civilização, eram mais generosos, mais humanitários, que essas multidões entusiastas que cercam os "rings" do "box"...

O duelo²

Farsa elegante, de quem se quer desafrontar sem correr graves riscos...

Comédia em que já não acreditam os protagonistas e o público...

Meio cómodo de evitar uma cena de pugilato...

Convencionalismo tão convencional como a honra burguesa...

Antigamente o duelo era, pelo menos, sincero. Bárbaro, mas sincero. Hoje é grotesco. E por isso é revoltante que essa arcaica instituição ainda possa decidir da vida de alguém – embora indirectamente, como sucedeu há poucos dias...

1 – Mais uma vez denuncia a natureza do “box” (ver também n.º 55 do Suplemento), espectáculo vergonhoso como tantos outros, que reiteradamente foram condenados pela redacção e colaboradores deste jornal.

2 – Os duelos para defesa da honra, sobretudo nos meios jornalístico e parlamentar, continuaram na Primeira República a tradição que vinha da monarquia constitucional.

C.E.L.

O Centro de Estudos Libertários, proprietário e editor de *A Batalha*, é uma associação cultural fundada em 27/12/1978 tendo por finalidade o estudo e difusão do pensamento libertário, designadamente através de publicações, palestras, colóquios, seminários, congressos ou quaisquer outras formas de reunião e comunicação. Dispõe de uma biblioteca e duma pequena livraria temática para sócios e assinantes do jornal.

Está sediado na Azinhaga da Alagueza, Lote X, c/v Esq. (Olivais Velho) 1800-005 LISBOA e está aberto aos sábados entre as 15 e as 18 horas.

A correspondência pode ser enviada para esta morada ou, de preferência, para o Apartado 50085, 1702-001 Lisboa.

Eu escrevo em muitos jornais – e em todos eles com independência. Mas há um apenas em que eu me sinto verdadeiramente livre, um apenas em que eu julgo não serem efêmeras as minhas ideias, os meus períodos, as minhas palavras é neste. É n' A Batalha. Minha pena encontra novas expressões, novas arremetidas, novos entusiasmos. É n' A Batalha onde se pode ter a noção das duas grandes coisas que eu amo na vida, depois de me ter desiludido de tantas outras – o Futuro e a Liberdade.

Ferreira de Castro
(A Batalha, 23 de Fevereiro de 1926)